



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidade
Instituto de Letras

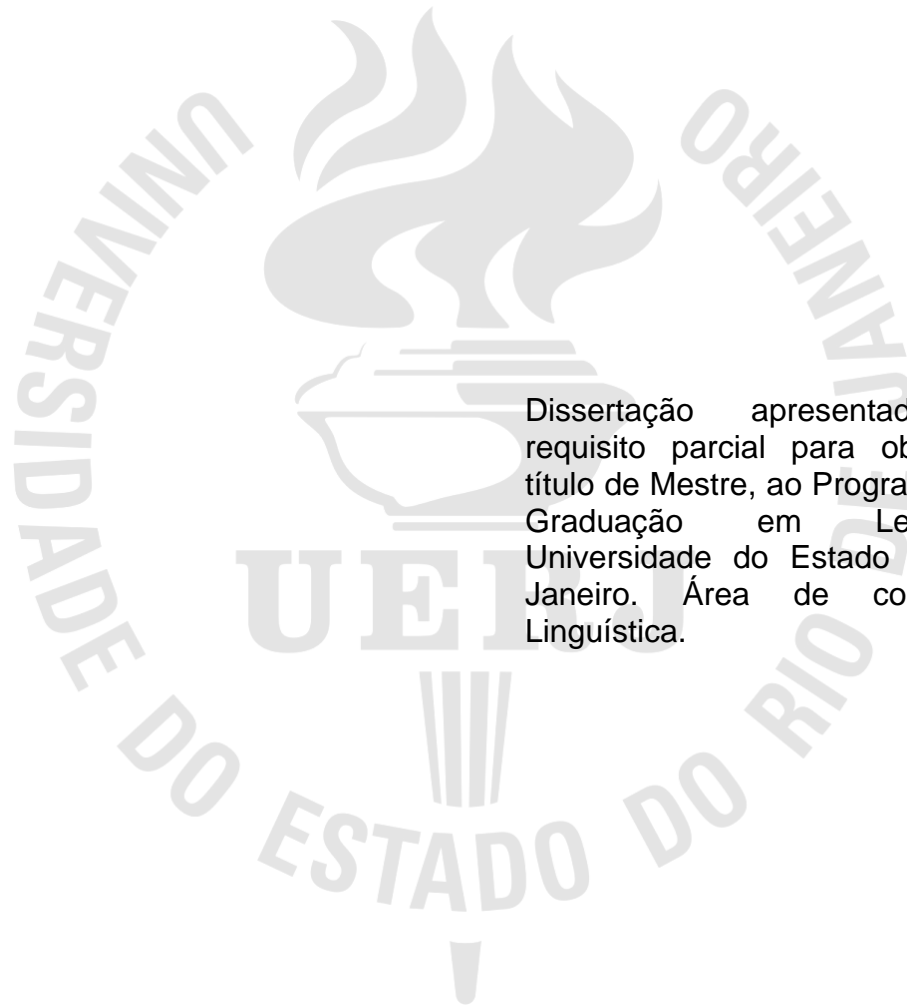
Natália Barci de Souza

**Neologismos semânticos em textos jornalísticos: processos
cognitivos subjacentes a extensões de sentidos**

Rio de Janeiro
2016

Natália Barci de Souza

**Neologismos semânticos em textos jornalísticos: processos cognitivos
subjacentes a extensões de sentidos**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dra. Sandra Pereira Bernardo
Coorientadora: Prof.^a Dra. Naira de Almeida Velozo

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S729 Souza, Natália Barci de.
Neologismos semânticos em textos jornalísticos:
processos cognitivos subjacentes a extensões de sentidos /
Natália Barci de Souza. – 2016.
146 f. : il.

Orientadora: Sandra Pereira Bernardo.
Coorientadora: Naira de Almeida Velozo.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do
Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Linguística – Teses. 2. Língua portuguesa -
Lexicologia – Teses. 3. Neologismos – Teses. 4. Redação
de textos jornalísticos – Teses. I. Bernardo, Sandra
Pereira. II. Velozo, Naira de Almeida. III. Universidade do
Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. IV. Título.

CDU 806.90-316.1

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Natália Barci de Souza

**Neologismos semânticos em textos jornalísticos: processos cognitivos
subjacentes a extensões de sentidos**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de pós-graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 31 de março de 2016.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Sandra Pereira Bernardo (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Naira de Almeida Velozo (Coorientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof.^a Dra. Fernanda Carneiro Cavalcanti
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Carlos Alexandre Victorio Gonçalves
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2016

DEDICATÓRIA

Ao meu marido Carlos Raphael Neves Ribeiro, pelo apoio incondicional.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da minha vida e por me permitir realizar mais este sonho.

A minha família, que esteve comigo em todos os momentos da minha vida, sempre me apoiando. A minha mãe, Ilza Barci, que, mesmo com todas as suas dificuldades, esteve sempre ao meu lado. Ao meu pai, Miguel Antunes, que contribuiu demasiadamente com suas dicas para o futuro, focando na importância da conclusão de um curso superior. As minhas irmãs, Carla, Damiana, Márcia e Mariana, pelo enorme incentivo, estando sempre ao meu lado nos momentos mais difíceis que passei na pós-graduação.

Ao meu marido, Carlos Raphael, que sempre me apoiou, compreendendo e contribuindo de forma positiva para minha formação.

Aos meus amigos Danielle Marques, Patrícia Ana Wechsler, Rodrigo Lemos e Tharlles Lopes pela atenção, ajuda e incentivo para a conclusão deste trabalho. Em especial, a minha amiga Flanciêni Aline pela disponibilidade de virar noites comigo na minha casa, a fim de me ajudar na confecção e conclusão deste trabalho.

Meus agradecimentos especiais a minha orientadora, professora doutora Sandra Pereira Bernardo, que colaborou significativamente e de forma extremamente dedicada e incansável para a conclusão deste trabalho, sendo muito mais do que uma professora-orientadora, uma amiga.

Agradeço a professora Naira de Almeida Velozo pela disponibilidade, pela atenção e pelo carinho a mim conferidos para a realização desta pesquisa.

A todas as pessoas não citadas aqui, mas não menos importantes, agradeço pelo carinho e pela atenção dedicada.

Que a singeleza dessa homenagem simbolize a grandeza da minha gratidão e do meu amor.

As palavras também nascem, crescem e morrem como tudo mais.

Monteiro Lobato

RESUMO

SOUZA, Natália Barci de. *Neologismos semânticos em textos jornalísticos: processos cognitivos subjacentes a extensões de sentidos*. 2016.146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

Analisa-se, neste estudo, processos cognitivos subjacentes à construção de sentido de neologismos semânticos coletados dos jornais *Meia Hora* e *Expresso*. Os processos cognitivos foram investigados à luz da mesclagem conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), da metáfora conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2002) e da metonímia conceptual (LAKOFF; JOHNSON, 2003, EVANS; GREEN, 2006, KÖVECSES, 2010). A partir dessa fundamentação, foram propostas esquematizações de processos cognitivos ativados na conceptualização das extensões de sentidos observadas em neologismos semânticos. Verificaram-se as compressões e as relações vitais que propiciaram tais sentidos. A partir da análise, postulou-se, entre os processos cognitivos envolvidos nas extensões de sentido, que é por meio de processos metafóricos, metonímicos e pela mesclagem conceptual que os usuários da língua conseguiriam compreender as extensões de sentidos pelas quais as palavras passaram, ao lê-las nas manchetes e nas notícias dos jornais analisados. Assim, buscou-se, com este trabalho, fornecer propostas de esquemas de conceptualizações de neologismos semânticos presentes em manchetes e em notícias dos jornais *Meia Hora* e *Expresso*, no período coletado.

Palavras-chaves: Linguística cognitiva. Léxico. Neologismos. Conceptualização.

ABSTRACT

SOUZA, Natália Barci de. *Semantic neologisms in journalistic texts: cognitive processes underlying extensions of meaning*. 2016. 146 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

In this study, cognitive processes underlying the construction of semantic meaning of neologisms collected from newspapers *Meia Hora* and *Expresso* are analyzed. Cognitive processes were investigated in the light of conceptual blending (FAUCONNIER; TURNER, 2002), conceptual metaphor (LAKOFF; JOHNSON, 2002) and conceptual metonymy (LAKOFF; JOHNSON, 2003, EVANS; GREEN, 2006, KÖVECSES, 2010). From this theoretical support, schematizations of cognitive processes activated in the conceptualization of the extensions of meaning observed in semantic neologisms were proposed. The compressions and vital relations that cause these meanings were verified. Based on the analysis, it was postulated, among the cognitive processes involved in the extensions of meaning, that is through metaphorical processes, metonymic and the conceptual blending that language users would be able to understand the extensions of meaning which the words passed by, while reading them in the headlines and the news of the newspapers analyzed. Thus, with this work, it was sought to provide schemes of conceptualizations of semantic neologisms present in headlines and news of the newspapers *Meia Hora* and *Expresso*, during the collected period.

Keywords: Cognitive Linguistics. Lexicon. Neologisms. Conceptualization.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Projeção interdomínios.....	20
Figura 2 –	Projeção do espaço genérico	21
Figura 3 –	Projeção do espaço mescla	21
Figura 4 –	Projeção da estrutura emergente.....	22
Figura 5 –	Reprodução de projeção de mesclagem conceptual para a frase “este cirurgião é um açougueiro”.....	24
Tabela 1 –	Frequência dos neologismos semânticos.....	52
Figura 6 –	Conceptualização de DAR-SE MAL É RODAR.....	60
Figura 7 –	Conceptualização de SER PRESO É RODAR.....	62
Figura 8 –	Conceptualização de “Carioca”	66
Figura 9 –	Conceptualização de “Urubu”.....	70
Figura 10 –	Conceptualização de “Cariocão”.....	72
Figura 11 –	Conceptualização de “Brasileirão”	74
Figura 12 –	Conceptualização de “Podrão”.....	78
Figura 13 –	Conceptualização de “Rabiola”.....	80
Figura 14 –	Conceptualização de “Pílula azul”.....	82
Figura 15 –	Conceptualização de “Azulzinho”.....	84
Figura 16 –	Conceptualização de MATAR É DEITAR.....	87

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
1.1	Pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva.....	13
1.2	Teoria dos Espaços Mentais, Semântica de <i>Frames</i> e Modelos Cognitivos Idealizados.....	14
1.3	A construção do significado para a Linguística Cognitiva.....	17
1.4	Mesclagem conceptual.....	19
1.5	Metáfora conceptual.....	25
1.6	Metonímia conceptual.....	30
2	FORMAÇÃO DE PALAVRAS E O LÉXICO.....	32
2.1	Teorias sobre formação de palavras e o léxico.....	32
2.2	Neologia e neologismos.....	36
2.3	Processos de formação e estruturação dos neologismos.....	38
2.3.1	<u>Processo fonológico de formação de neologismo.....</u>	39
2.3.2	<u>Processo sintático de formação de neologismo.....</u>	39
2.3.3	<u>Neologismo por conversão.....</u>	41
2.3.4	<u>Neologismo semântico.....</u>	41
2.3.5	<u>Truncação, palavra-valise, reduplicação e derivação regressiva.....</u>	42
2.3.6	<u>Neologismo por empréstimo.....</u>	44
2.4	Processo de desneologização.....	45
2.5	As construções lexicais no viés da Linguística Cognitiva.....	46
3	METODOLOGIA	48
4	NEOLOGISMOS SEMÂNTICOS EM <i>MEIA HORA E EXPRESSO</i>.....	52

4.1	Frequência e definições dos neologismos	52
4.2	Análise cognitiva dos neologismos semânticos	56
4.2.1	<u>Rodar</u>	56
4.2.2	<u>Carioca</u>	63
4.2.3	<u>Urubu</u>	67
4.2.4	<u>Cariocão</u>	71
4.2.5	<u>Brasileirão</u>	73
4.2.6	<u>Podrão</u>	75
4.2.7	<u>Rabiola</u>	78
4.2.8	<u>Pílula Azul</u>	81
4.2.9	<u>Azulzinho</u>	83
4.2.10	<u>Deitar</u>	85
	CONCLUSÃO	88
	REFERÊNCIAS	90
	ANEXO A – Neologismos semânticos analisados.....	94
	ANEXO B – Demais neologismos encontrados na pesquisa.....	107

INTRODUÇÃO

Sendo o léxico uma parte dinâmica da língua que está sempre aberta a inovações, oriundas da diversidade dos seus usuários, o indivíduo que vive em sociedade nunca para de expandi-lo, aprendendo novas palavras e expandindo os significados das já existentes. Esse aprendizado vai ocorrendo de forma paulatina, constante, natural, quase imperceptivelmente. Entre as possíveis abordagens para estudo das extensões de sentido das palavras, optamos pelo arcabouço teórico da Linguística Cognitiva (doravante LC), uma vez que, para a LC, a língua não é estruturada de forma independente, mas por meio de pensamentos, baseados em experiências sensoriais e espaciais, ativados pelas expressões de uma língua.

Tendo como base teórica os pressupostos da LC, que visam à investigação das operações cognitivas envolvidas na mente humana no processo de construção do significado, neste trabalho, buscamos analisar aspectos cognitivos subjacentes a neologismos semânticos, à luz da Mesclagem Conceptual, da Metáfora Conceptual e da Metonímia Conceptual. Para isso, também abordaremos a teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados de Lakoff (1987), a Semântica de *Frames* de Fillmore (1985) e a Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1994, 1997), com vistas a compreender como as extensões de sentidos são processadas pelo leitor/falante para a compreensão desses neologismos.

Para a coleta dos neologismos, foram selecionados os jornais *Meia Hora* e *Expresso*, por sua popularidade e grande circulação no Rio de Janeiro. Primeiramente, como forma de análise piloto, foram recolhidos periódicos por um espaço de tempo de quinze dias, entre os dias 17/04/15 ao dia 02/05/15. Em seguida, foram feitas leituras atentas, visando encontrar os neologismos semânticos em potencial. Posteriormente, os termos identificados passaram pelo dicionário Houaiss (2009), selecionado como *corpus* de exclusão. O mesmo foi feito com periódicos do dia 15/07/2015 ao dia 30/07/2015, totalizando, assim, 27 periódicos. Nesses periódicos, foram encontrados 10 neologismos semânticos, sendo esses: “rodar”, “Carioca”, “Cariocão”, “Urubu”, “podrão”, “rabiola”, “Brasileirão”, “pílula azul”, “azulzinho” e “deita”.

O arcabouço teórico deste estudo fundamentará respostas para as seguintes questões: (i) quais processos cognitivos estruturam as extensões de sentido dos neologismos semânticos? (ii) como ocorre a mescla desses novos sentidos, atribuídos às palavras já existentes na língua? As respostas para as questões levantadas envolvem processos metafóricos, metonímicos e mesclagem conceptual.

Para evidenciar o desenvolvimento da pesquisa, a dissertação foi organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, são expostos os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva que embasam a análise, mais especificamente a Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados (Lakoff, 1987), a Semântica de *Frames* (Fillmore, 1985), a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994, 1997), as Teorias da Mesclagem Conceptual (Fauconnier e Turner, 2002), da Metáfora Conceptual (Lakoff e Johnson, 1980) e da Metonímia Conceptual (Kövecses, 2002, 2010). No segundo capítulo, abordaremos as principais teorias sobre formação de palavras, conceitos sobre o léxico, neologia e neologismos, os processos de formação de neologismos, o processo de desneologização (Alves 2007) e, por último, falaremos das construções lexicais no viés da LC. No terceiro capítulo, apresentaremos as questões teórico-metodológicas que estruturam o trabalho; ainda nesse capítulo, teceremos breves considerações acerca dos jornais *Meia Hora* e *Expresso*. Finalmente, no quarto capítulo, analisaremos os neologismos semânticos, conforme a abordagem adotada.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, serão expostos os conceitos fundamentais da Linguística Cognitiva, os quais norteiam nosso trabalho, sendo eles: pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (1.1); Teoria dos Espaços Mentais, *Frames* e Modelos Cognitivos Idealizados (doravante MCIs) (1.2); a construção do significado para a Linguística Cognitiva (1.3); Mesclagem Conceptual (1.4); Metáfora Conceptual (1.5); e, por último, Metonímia Conceptual (1.6).

1.1 Pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva

Inicialmente, o termo “Linguística Cognitiva” foi adotado por um grupo pequeno de estudiosos, dentre os quais estão: George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier. Tais autores buscaram uma teoria que abrangesse as relações entre sintaxe e semântica; para isso, investigaram especialmente as relações entre forma e significado.

De acordo com Ferrari (2011, p. 14), para a Linguística Cognitiva (LC) “a relação entre língua e mundo é mediada pela cognição”. A língua em si é uma forma de conhecimento, por isso deve ser analisada com base no significado. A língua é constituída pela conceptualização, juntamente com influência do mundo externo. Portanto, forma e significado são duas faces de uma mesma folha, ou seja, inseparáveis. Apenas conseguimos compreender o mundo que nos rodeia e agir sobre ele porque categorizamos os objetos e as coisas, de modo que passem a fazer sentido para nós. Assim, não é possível estudar a mente de forma absolutamente separada do organismo em que se situa e, muito menos, é possível separá-la do meio onde os processos acontecem.

De acordo com Langacker (2000), a linguagem deve ser vista como uma forma de ação no mundo, integrada com outras capacidades cognitivas. O significado das palavras está ligado à conceptualização, ou seja, às experiências sensoriais, sinestésicas/cinésicas, emotivas e ao conhecimento de mundo (cultural, linguístico e físico). Segundo Ferrari (2011), a LC concebe o significado como

construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças sociais.

Porque muitas palavras são usadas com sentidos diferentes daqueles que o dicionário descreve, os estudos da LC possibilitam um novo olhar para a investigação da polissemia. É a capacidade de conceptualização do ser humano que propicia a criação diversos significados para uma mesma palavra ou expressão. As palavras, portanto, não apenas rotulam as coisas do mundo, mas também agem como um reflexo de algo real conceptualizado de acordo com uma configuração física. Portanto, processos cognitivos funcionam como uma ligação entre palavras e coisas, uma vez que os processos de nomeação são, sobretudo, os processos de categorização.

No tópico a seguir, será explorado como ocorre essa categorização, entendendo que a capacidade imaginativa dos seres humanos é baseada nas experiências físicas e social. Segundo Lakoff (1987), nosso sistema conceptual decorre de nossas experiências corpóreas, as quais originam o significado.

1.2 Teoria dos Espaços Mentais, Semântica de *Frames* e Modelos Cognitivos Idealizados

Proposta por Fauconnier (1985, 1997), a Teoria dos Espaços Mentais procura descrever mecanismos e operações cognitivas com base na experiência de linguagem no momento do uso, mostrando quais dados linguísticos revelam aspectos de representação mental de alto nível, enfocando o que ocorre na mente dos indivíduos. Portanto, os espaços mentais referem-se ao que é desenvolvido quando a fala ou o pensamento é efetuado, sendo relacionados entre si e a outros conhecimentos.

O principal postulado da Teoria dos Espaços Mentais é o fato de que as mesmas operações de correspondência entre domínios (chamados de *mappings*) atuam na semântica elementar, na pragmática e no raciocínio lógico. Fauconnier e Turner (2002) postulam que mapeamentos entre espaços mentais representam o núcleo da habilidade cognitiva humana da produção, da transposição e do

processamento do significado. Segundo Fauconnier (1997, p. 1), a linguagem visível é apenas vista como a “ponta do *iceberg*” da construção invisível, que ocorre mentalmente enquanto se está pensando e/ou falando.

Conforme o discurso vai avançando, novos espaços mentais vão sendo criados, ligando-se a outros espaços mentais já existentes, ou seja, um espaço mental BASE continua sendo acessado para a criação de novos espaços. Assim, esse espaço BASE é o espaço que ancora o discurso no momento do uso. Dada essa BASE, outros espaços são criados para implementar informações que vão além do contexto imediato: passado, futuro, lugares, pessoas, hipóteses, cenários imaginativos etc.. Tal processo forma uma rede de espaços, em que fica estabelecida entre eles uma relação gradativa que possa dar conta de novas construções, de novos sentidos.

Segundo Fauconnier (1985, 1997), é por meio de dois processos principais que ocorre a construção do significado: 1º) pela construção de espaços mentais e 2º) pela criação de um mapeamento entre esses espaços mentais. Para o autor, essa relação entre os mapeamentos sofre considerável influência do contexto de uso, uma vez que a construção de sentidos está ligada a um contexto de uso específico.

Grande parte da conceptualização, responsável pelo estabelecimento de sentidos, ocorre por meio de integração de espaços mentais interconectados, abertos dinamicamente à medida que o sistema conceptualizador humano aciona rotinas cognitivas para processamento e compreensão de tudo que nos cerca. Os espaços mentais são pequenos pacotes conceptuais construídos durante o pensamento e a fala. Trata-se de construtos parciais que contêm elementos estruturados por frames e modelos cognitivos. Embora operem na memória de trabalho, tais espaços são construídos parcialmente pela ativação de estruturas da memória de longo termo (BERNARDO; VELOZO, 2012, p. 104).

Além da Teoria dos Espaços Mentais, outras teorias procuram descrever como se estruturam e se formam nosso conhecimento, uma delas é a *Semântica de Frames*, desenvolvida por Charles Fillmore (1985).

O termo *frame* refere-se a um sistema estruturado de conhecimento que as pessoas armazenam na memória de longo prazo e é organizado a partir da esquematização da experiência dos indivíduos. Portanto, *frames* são modelos de conceitos formados em nossa mente. Por exemplo, o restaurante, além de ser uma instituição de serviço, tem a ele associada uma série de conceitos: fregueses,

garçons, pedido, comida, conta, ou seja, há vários conceitos ligados ao conceito de restaurante.

O modelo de *frame* semântico desenvolvido por Fillmore (1985) é a versão mais influente na linguística cognitiva. Para ele, trata-se de um modelo da semântica do entendimento, em contraste com a semântica de condições de verdade. Portanto, palavras e construções evocam um entendimento, ou seja, um *frame*. O ouvinte invoca e aciona um *frame* ao ouvir um enunciado de forma a compreendê-lo.

Lakoff (1987) associa a noção de *frame* e os processos de categorização, uma vez que, segundo o autor, a mente humana se caracteriza e se organiza por meio de estruturas de conhecimento que se formam pela exposição do homem no mundo sociocultural em que vive. Os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) são esses conhecimentos de mundo armazenados em estruturas mentais permanentes, ou seja, os MCIs referem-se à maneira como o mundo é entendido e organizado pelos falantes.

Os MCIs são considerados idealizados devido a não precisarem se ajustar perfeitamente ao mundo, sendo tudo determinado por necessidades, valores, propósitos, crenças etc., compartilhados por pessoas de uma mesma comunidade. Lakoff (1987) argumenta que os MCIs promovem efeitos prototípicos, uma vez que um MCI pode se adequar ao mundo de várias formas, desde perfeitamente até de jeito nenhum. Isso vai depender da adequação do MCI e do nosso conhecimento da situação em questão. Quanto maior for essa adequação entre MCI e nosso conhecimento, mais apropriada será a aplicação do conceito; quanto menor, menor a probabilidade de compreensão. A esse fato, Lakoff denominou de efeito prototípico.

Um exemplo clássico que é muito usado para ilustrar a noção de MCI é o entendimento que uma comunidade tem sobre o universo feminino: mãe, dona-de-casa (e/ou trabalha fora), mais sensível que o homem, preocupada com a beleza física, etc. Assim, a categoria *mulher* é definida por um MCI e motiva diferenças a partir do modelo central que pode ser diferente para duas comunidades distintas: a mulher prototípica do interior não trabalhará fora, por exemplo. Uma mulher que seja dona-de-casa e mãe, mas que não se preocupe com a beleza, ainda estará na categoria *mulher*, mas será um exemplo menos prototípico (ANUNCIAÇÃO, 2009, p. 29).

Logo, os MCIs permitem que, durante a interação, os usuários da língua utilizem informações de forma implícita, uma vez que são modelos convencionizados e compartilhados numa determinada comunidade.

Analisando a construção *Este rapaz é estranho, não gosta de futebol*, percebe-se que o falante acionou um modelo de conhecimento idealizado socialmente em que todo homem é um apreciador de futebol. Ao construir esse enunciado, o falante considera que seu ouvinte compartilha das informações implícitas que permeiam o discurso (FERRARI; FONTES, 2010, p. 32).

Logo, o conceito de Modelo Cognitivo Idealizado, criado por Lakoff (1987), está associado à noção de *frame* e é definido como um conjunto complexo de *frames* distintos. Os MCIs são, portanto, responsáveis pela categorização do conhecimento, além disso, apoiam espaços mentais que vão emergindo conforme suas informações são acessadas.

Usando a metáfora proposta por Geeraerts (2006), a LC constitui um arquipélago de teorias para a concepção da linguagem, as quais se apoiam em estruturas que captam e organizam nosso conhecimento, em que até mesmo as estruturas mais abstratas auxiliam na formação do nosso conhecimento. Dito isso, passamos para a próxima seção, na qual procuramos discorrer sobre a construção do significado para a LC.

1.3 A construção do significado para a Linguística Cognitiva

Para a LC, a cognição não possui relação apenas com o conhecimento, mas também, e acima de tudo, com os processos formadores do conhecimento; em outras palavras, a cognição está relacionada com a construção de sentidos. É por meio da influência do conhecimento de mundo dos falantes que as estruturas linguísticas são compreendidas e interpretadas. Segundo os postulados da LC, o léxico estrutura-se e organiza-se por meio da ativação de *frames*.

De acordo com Basilio (2011), o léxico nada mais é do que formas simbólicas que se associam a determinados conceitos, podendo evocar inúmeras significações, dependendo de diversos fatores, como momento histórico da língua, características dos falantes envolvidos na interação linguística e a relação dos *frames* que tais palavras podem evocar. Para a autora, o léxico fundamenta-se no uso, uma vez que

é por meio das experiências e conhecimentos de mundo que o usuário da língua é capaz de compreender determinado enunciado. O significado lexical está, portanto, diretamente ligado ao conceito de conhecimento enciclopédico, pois envolve o conhecimento de mundo e as experiências dos falantes.

Segundo Langacker (2006), em relação aos outros sistemas cognitivos, a linguagem não é autônoma, sendo as estruturas gramaticais inerentemente simbólicas. O modelo langackeriano de conceptualização valoriza o aspecto visual na construção de significado e o caráter simbólico da linguagem.

Segundo Ferrari e Fontes (2010, p. 32),

têm-se como generalizações teóricas [os seguintes postulados]:

- (i) O significado está intimamente associado à conceptualização.
- (ii) O significado das estruturas linguísticas é motivado por processos cognitivos gerais.
- (iii) Os objetivos comunicativos permitem a escolha de construções distintas que indicam a subjetividade do falante.
- (iv) O ponto de vista (físico ou mental) adotado pelos interlocutores também contribui para a construção do significado numa interação comunicativa.

Logo, para a LC, o significado está ancorado em quatro concepções: o significado linguístico é (i) perspectivizado, (ii) flexível e dinâmico, (iii) enciclopédico e não autônomo, (iv) baseado no uso e na experiência (GEERAERTS, 2006).

De acordo com Langacker (2006), todos os sentidos humanos são passíveis de conceptualização, ou seja, de categorização e de caracterização. Para o autor; a todo o tempo, os falantes estão construindo e categorizando o significado linguístico, o significado social e o significado cultural. Significados são, portanto, estruturas dinâmicas que emergem de diversos processos cognitivos.

Por meio do significado, o mundo vai sendo modelado, o qual está em constante transformação. Por ser esse mundo dinâmico, o significado e a linguagem não podem ser estáveis, mas devem sempre ser dinâmicos e passíveis de atualização. O significado emerge, portanto, das nossas relações empíricas, devido a essa flexibilidade e dinamicidade do significado das palavras.

A LC não separa os planos do léxico, da morfologia e da sintaxe, pois entende que há uma cooperação de ambos para a construção do significado. De acordo com Basilio (2011), há uma relação direta entre léxico e cognição, havendo também uma relação entre léxico e gramática, dado que, em processos de formação de palavras, há padrões morfológicos que evocam determinados significados, como,

por exemplo, o padrão morfológico “des- + X” que evoca o significado de reversão; o padrão “X+ -eiro”, “X+ -ista”, “X+ -or” que significam um profissional que pratica/exerce uma função.

Como exemplo, tem-se a palavra “blogueiro”: pessoa que administra um *blog*. Ao ouvir tais construções, os usuários reconhecem imediatamente seus respectivos significados, devido ao seu conhecimento de mundo, que o levará ao entendimento do significado evocado por tais itens lexicais.

Uma vez que o nosso objeto de estudo são os neologismos semânticos encontrados nas manchetes e notícias dos jornais *Meia Hora* e *Expresso*, compreender como os significados são construídos mostrou-se de suma importância. Os postulados das teorias da mesclagem conceptual (um desenvolvimento da teoria dos espaços mentais), da metáfora conceptual e da metonímia conceptual ancoram a análise desses neologismos, uma vez que as extensões de sentidos passaram por tais processos; por isso, nas seções seguintes, faremos considerações acerca dessas teorias.

1.4 Mesclagem conceptual

A Mesclagem Conceptual (*Blending*), segundo Fauconnier (1997), pode ser considerada a origem da aptidão humana para inventar novos sentidos, uma vez que é uma operação mental fundamental dos seres humanos. Para Fauconnier e Turner (2002), é a capacidade que temos de estabelecer identidade, integração e imaginação, sendo ela uma operação básica e altamente imaginativa, impreterível ao pensamento humano. Ativamos mesclagens para entendermos o que ouvimos e, em contrapartida, dizemos aquilo que pretendemos (FAUCCONNIER, 1997).

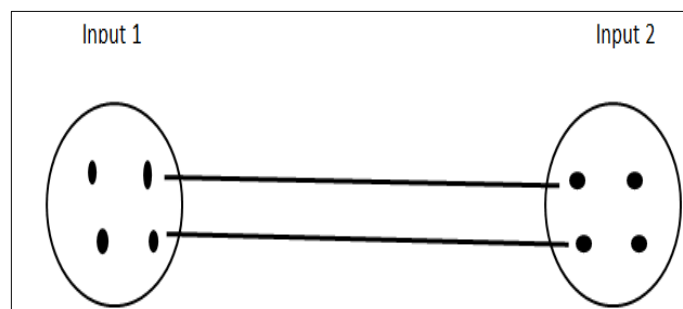
A mescla é criada a partir de duas estruturas já existentes, chamadas *inputs*. Ocorre uma projeção parcial entre os espaços iniciais, estabelecendo-se, com isso, uma correspondência entre os elementos. Os *inputs*, por sua vez, são ligados ao espaço genérico, o qual é a representação de uma estrutura abstrata que os espaços iniciais têm em comum e organiza esses elementos análogos. Por fim, há o quarto espaço, nomeado mescla ou *blend*.

Fauconnier e Turner (2002) denominam essa estrutura originada dos *inputs* de emergente pelo fato dela emergir do processo de mesclagem, uma vez que a mescla fornece um novo elemento, inédito, que não é encontrado em nenhum dos outros espaços da rede de integração. Assim, a mesclagem “consiste em integrar estruturas parciais de dois domínios separados em uma única estrutura com propriedades emergentes dentro de um terceiro domínio” (Fauconnier 1999, p. 22)

O processo de mesclagem constitui-se por meio do seguinte passo a passo:

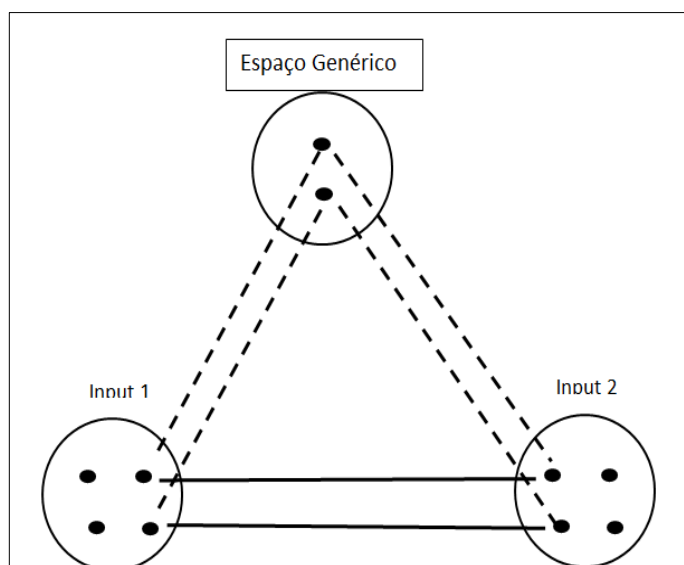
1º) **projeção interdomínios:** trata-se da projeção parcial entre os elementos correspondentes dos *inputs* 1 e 2; não sendo, portanto, necessário que todos os elementos dos *inputs* tenham projeção para que haja o esquema genérico e se torne possível a mescla.

Figura 1 – Projeção interdomínios.



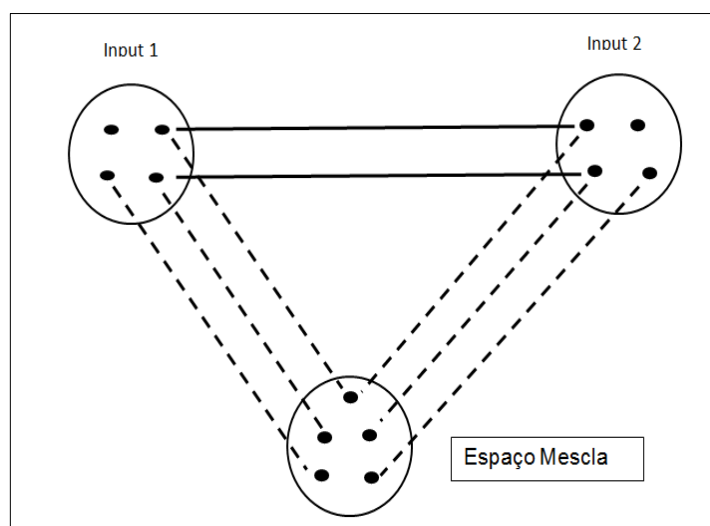
2º) **espaço genérico:** é o espaço onde são refletidas a estrutura e a organização abstrata que há em comum entre os *inputs*, em outras palavras, trata-se da estrutura compartilhada por esses domínios.

Figura 2 – Projeção do espaço genérico.



3º) **espaço mescla**: neste quarto espaço, os *inputs* são parcialmente projetados. No entanto, podem ser projetados elementos que eram contrapartes ou não, podendo entidades dos *inputs* serem fundidas em um só elemento na mescla, ou podem ser projetados separadamente.

Figura 3 – Projeção do espaço mescla.

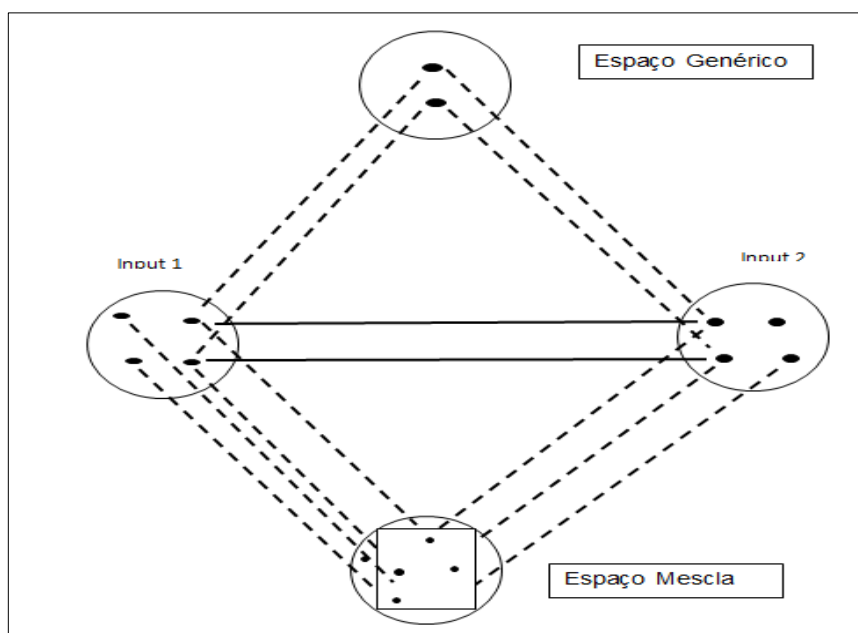


4º) **estrutura emergente**: inexistente nos *inputs*, a mescla tem estrutura emergente própria. Ela pode ser construída de três maneiras:

- a) por *composição*: as relações disponíveis não necessariamente existiam nos domínios anteriores à mescla;

- b) por *completamento*: trata-se do conhecimento compartilhado de *frames*, modelos cognitivos e culturais que podem ser passados dos *inputs* à mescla, assim como pode nascer das novas relações que surgem na mescla;
- c) por *elaboração*: devido à nova lógica instaurada, há a possibilidade de haver trabalho cognitivo dentro da mescla.

Figura 4 – Projeção da estrutura emergente.



Segundo Fauconnier e Turner (2002), há um enorme número de possibilidades para as projeções de uma rede de integração simples, que dá origem a uma chamada “taxonomia de redes”. São quatro os tipos de redes apresentadas pelos referidos autores: redes simples, redes reflexivas, redes de escopo único e redes de escopo duplo.

As redes simples são constituídas por dois *inputs*, em que um contém um *frame* com funções e o outro contém valores. Esse tipo de rede simples dá origem a uma mescla que contém uma estrutura que não se encontra em nenhum dos *inputs*.

As redes reflexivas possuem como característica principal a relação em que todos os espaços compartilham um mesmo *frame*, inclusive o espaço mescla.

As chamadas redes de escopo único são aquelas em que os *inputs* são organizados tendo como suporte *frames* diferentes; no entanto, somente um deles é projetado no espaço mescla.

Diferentemente das redes de escopo único, em que apenas um dos *inputs* fornece o *frame* organizador que vai estruturar a mescla, as redes de escopo duplo possuem *inputs* organizados por diferentes *frames*, mas há a projeção de alguns elementos de ambos os *frames*, para que se chegue à organização do *frame* da mescla, ou seja, esse tipo de rede cria um *frame* específico no espaço mescla.

Para Fauconnier e Turner (2002), por meio de uma compressão dos elementos projetados no espaço mescla, alcançamos a conceptualização da mesclagem, sendo este um mecanismo mental otimizador da memória, uma vez que cenários inteiros podem ser comprimidos. Uma cerimônia de formatura de graduação, por exemplo, pode ser entendida sem que haja a necessidade de carregar na memória cada etapa pela qual passou o formando até chegar à formatura, ou seja, o conceito de formatura comprime todo o histórico anterior: pré-escola, escola, faculdade, formatura. A essa compressão alcançada na mesclagem conceptual dá-se o nome de “relação vital”.

A relação vital trata-se, portanto, da união entre elementos dos *inputs* que possibilitam a compressão otimizada de cenários inteiros na mescla. As relações vitais propostas pelos autores são as seguintes: TEMPO, ESPAÇO, REPRESENTAÇÃO, MUDANÇA, IDENTIDADE, PAPEL-VALOR, ANALOGIA-DESANALOGIA, PARTE-TODO, CAUSA-EFEITO, PROPRIEDADE, SIMILARIDADE, CATEGORIA, INTENCIONALIDADE, SINGULARIDADE.

Cabe salientar que, apesar de uma rede de integração sempre envolver, pelo menos, quatro espaços: dois *inputs*, um espaço genérico e um espaço mescla, é possível que essas mesclas ocorram de forma múltipla, chamadas de “mesclas múltiplas”, em que várias entradas são projetadas em paralelo, ou os *inputs* são projetados em mesclas diferentes, que servem sucessivamente como *inputs* para outras mesclas.

Podemos exemplificar como ocorre o processo de mesclagem conceptual por meio de uma frase bastante empregada na literatura: “este cirurgião é um açougueiro”. Quando lemos ou ouvimos esta sentença, utilizamos dois espaços mentais iniciais: em um, temos o conhecimento do papel do cirurgião típico e o profissional cirurgião; em outro, temos o conhecimento sobre o papel de um açougueiro típico, e, conseqüentemente, sobre o profissional que exerce tal função.

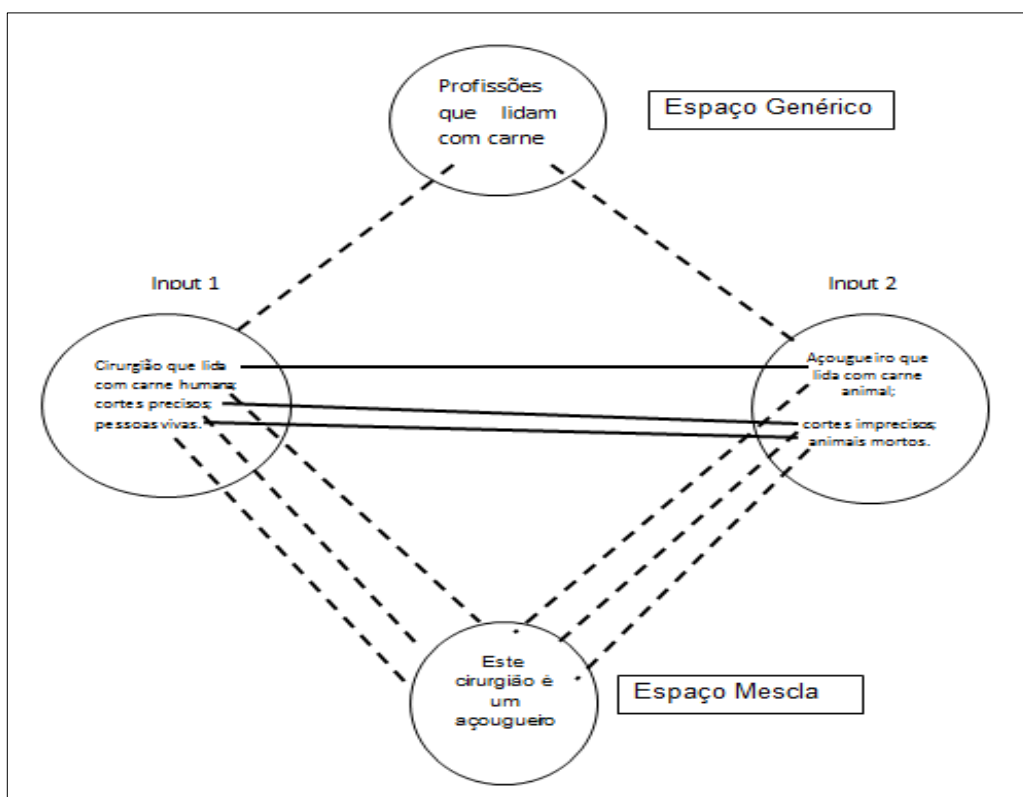
Antes de tudo, ocorre uma projeção parcial e provisória entre os espaços iniciais: fica estabelecido nessa projeção que, na frase “este cirurgião é um açougueiro”, o cirurgião corresponde ao açougueiro. Ocorre a mesclagem

conceptual quando há a criação de um novo espaço mental, a mescla, ou seja, o “cirurgião” e o “açougueiro” são projetados sobre o espaço mescla e lá são interligados. Daí, por relação vital de ANALOGIA, surge um novo sentido no espaço mescla, sendo este o da incompetência, uma vez que o médico-cirurgião lida com carne de pessoas vivas, e o açougueiro lida com carne de animais mortos. No entanto, nos espaços iniciais nem o cirurgião nem o açougueiro são incompetentes. A incompetência de um “cirurgião que é um açougueiro” apenas emerge, de fato, na mescla. Azevedo (2006, p. 42) explicita que

não são os cirurgiões que são incompetentes, nem tampouco os açougueiros. A incompetência ligada ao cirurgião surge, neste caso específico, como resultado da mescla dos elementos dos dois domínios. É na mistura que emerge a inferência negativa.

Esse exemplo comprova que a mesclagem conceptual pode ativar novos sentidos.

Figura 5 – Representação de projeções da mesclagem conceptual para a frase “este cirurgião é um açougueiro”.



As operações com mesclagem possibilitam aspectos de raciocínios que não seriam alcançados por uma projeção metafórica, como, por exemplo, a ironia, pois é

preciso que seja acessado um conhecimento por completamento (conhecimentos anteriores, modelos cognitivos idealizados e esquemas culturais) na estrutura emergente para dar sentido à estrutura.

À luz da LC, o conceito de mesclagem conceptual tem-se mostrado uma ferramenta teórica para a análise de fenômenos sintáticos, semânticos e pragmáticos, sendo, portanto, de fundamental importância para a presente análise, possibilitando esquematizar os processos que viabilizam aos leitores a compreensão e a interpretação das extensões de sentidos das palavras, nos contextos frasais das manchetes e notícias dos jornais *Meia Hora e Expresso*.

A seguir, apresentaremos os pressupostos da teoria da metáfora conceptual, proposta por Lakoff e Johnson (1980); sendo, pois, um processo produtivo de extensão de sentidos, no caso dos neologismos semânticos.

1.5 Metáfora conceptual

Em 1980, George Lakoff e Mark Johnson lançam a obra *Metaphors We Live By*, a qual quebrou o paradigma de que a metáfora ocorria apenas como forma de um adorno da linguagem poética, usada apenas pela estilística. Na referida obra, os autores consideram a metáfora essencial para a compreensão do mundo e do homem em si.

A metáfora é, para a maioria das pessoas, um recurso da imaginação poética e um ornamento retórico – é mais uma questão de linguagem extraordinária do que de linguagem ordinária. Mais do que isso, a metáfora é usualmente vista como uma característica restrita à linguagem, uma questão mais de palavras do que de pensamento ou ação. Por essa razão, a maioria das pessoas acha que pode viver perfeitamente bem sem a metáfora. Nós sabemos, ao contrário, que a metáfora está infiltrada na vida cotidiana, não somente na linguagem, mas também no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 45).

A metáfora passou, então, a ser considerada como estruturadora do nosso sistema conceptual. Por meio da metáfora, a maioria dos nossos conceitos são compreendidos em termos de outros, ou seja, através da metáfora os seres

humanos compreendem e representam o mundo, transferindo domínios de conhecimentos (compreendendo um conceito em termos de outro).

Portanto, para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora é entendida como um mecanismo de pensamento, uma vez que, quando entendemos um conceito em termos de outro, é a partir de experiências vividas que estruturamos nosso pensamento, estruturando também todo o sistema conceptual, como afirma Lakoff e Johnson (2002, p. 48):

A metáfora não é somente uma questão de linguagem, isto é, de meras palavras. Argumentaremos que, pelo contrário, os *processos do pensamento* são em grande parte metafóricos. Isso é o que queremos dizer quando afirmamos que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido. As metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente por existirem metáforas no sistema conceptual de cada um de nós.

Lakoff e Johnson (1980) observaram ainda que, em várias expressões linguísticas usadas pelos falantes de forma rotineira, havia um sistema conceptual metafórico subjacente, de forma a influenciar o pensamento e as ações desses falantes.

O mapeamento metafórico é estruturado por dois domínios: fonte e alvo, ou seja, para cada metáfora, há um domínio-fonte e um domínio-alvo:

O domínio-fonte envolve propriedades físicas e áreas relativamente concretas da experiência, enquanto o domínio-alvo tende a ser mais abstrato. Em exemplos como “Ele tem alta reputação na empresa”; “Ele despontou como o ator revelação este ano”; “João tem um cargo relativamente baixo”, o domínio-fonte é a dimensão vertical do espaço físico, e o domínio-alvo é o *status* social (FERRARI, 2011, p.92).

Segundo Lakoff e Johnson (1980), podemos usar o conceito de AFETO em termos de TEMPERATURA ou DISTÂNCIA ESPACIAL; TEMPO em termos de ESPAÇO ou de MOVIMENTO através do ESPAÇO, como pode ser notado nos exemplos (1) a (4):

- (1) “O médico é uma pessoa fria para tratar seus pacientes.”
- (2) “A presidenta é muito distante de seu povo.”
- (3) “Já estamos perto do recesso escolar.”
- (4) “O recesso escolar está chegando.”

Em (1), o afeto é compreendido como temperatura; em (2), afeto é compreendido como distância espacial. No terceiro exemplo, o tempo é compreendido como local; e, por último, no quarto exemplo, o tempo é compreendido como entidade.

A metáfora varia de acordo com as línguas, bem como numa mesma língua. Como exemplo, podemos citar o conceito de tempo, que pode ser concebido de duas formas diferentes: o tempo pode ser concebido como um local para onde o EGO se dirige ou como uma entidade que se desloca no espaço em direção ao EGO. De acordo com Ferrari (2011, p. 93), como não conseguimos acessá-lo diretamente por meio de nossos sentidos, recorremos ao conhecimento de base experiencial relativo ao espaço e o projetamos no domínio abstrato de tempo.

De acordo com Lakoff (1993), a partir do momento em que as metáforas interagem acabam gerando sistemas metafóricos complexos, os quais consistem em uma série de metáforas integradas, para que seja possível chegar à interpretação de outra metáfora mais complexa.

Como exemplo disso, temos a metáfora VIDA É VIAGEM, que pode ser composta pelos seguintes sistemas metafóricos: ESTADOS SÃO LOCAIS; MUDANÇA É MOVIMENTO; CAUSAS SÃO FORÇAS; METAS SÃO DESTINOS; MEIOS SÃO CAMINHOS; DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS AO MOVIMENTO; ATIVIDADES COM PROPÓSITO SÃO JORNADAS. Esses exemplos representam projeções metafóricas que têm VIDA como domínio-alvo, e VIAGEM como domínio-fonte (FERRARI, 2011, p. 95-96).

Nos termos de Lakoff e Johnson (1980), as metáforas são analisadas como relações estáveis e sistemáticas entre dois domínios conceituais. A estrutura conceitual e a linguagem do domínio-fonte são usadas para retratar uma situação no domínio-alvo. A projeção entre domínios é considerada estrutura de conhecimento armazenada na memória de longo prazo (FERRARI, 2011. p. 97).

Lakoff e Johnson (2002) classificam as metáforas conceituais em três níveis diferentes: estruturais, orientacionais e ontológicas. As metáforas *estruturais*, bem como sugere o nome, são aquelas que estruturam um conceito em termos de outro, dito de outra forma, ocorrem quando o falante usa um conceito para falar de outro.

Como exemplo de metáfora *estrutural*, os referidos autores citam a metáfora TEMPO É DINHEIRO, utilizando o conceito DINHEIRO para se referirem ao conceito de TEMPO: “Você está *gastando* seu tempo comigo”; “Eu não tenho tempo para te *dar*”;

“Tenho *investido* muito tempo nos estudos”. Observamos que *gastar, dar e investir* são palavras que pertencem ao domínio DINHEIRO. Portanto, tais palavras estão sendo empregadas para explicar relações que se referem a outro domínio: TEMPO.

As metáforas *orientacionais*, ao contrário das estruturais, organizam todo um sistema de conceito em relação a outro. A maioria delas se refere à orientação espacial: para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, em cima de – fora de, fundo – raso, central – periférico. Surgem devido ao fato de termos corpos que funcionam dessa maneira no ambiente físico. No entanto, os autores chamam a atenção para o fato de que tais orientações espaciais podem sofrer variações de acordo com a cultura em que o falante esteja inserido, por exemplo, em algumas culturas, o futuro é algo que está na frente de nós, ao passo que, em outras, está atrás de nós. Essa estruturação respeita uma orientação espacial, como, por exemplo, FELIZ É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO: “Estou me sentindo para cima nessa festa”; “Estou me sentindo para baixo nessa festa”.

As metáforas chamadas de *ontológicas* são aquelas que fornecem uma maneira geral e básica de nos referirmos às experiências abstratas. Lakoff e Johnson (2002) afirmam que, ao compreendermos experiências físicas como se fossem objetos e substâncias, é possível tratar tais experiências como entidades ou substâncias uniformemente.

Dado o exposto sobre mesclagem conceptual e metáfora conceptual, cabe salientar que não consistem, necessariamente, em dois processos que ocorrem de forma totalmente dissociada. Assim, finalizaremos esta seção com a relação entre tais teorias.

- Relação entre as teorias da Metáfora Conceptual e da Mesclagem Conceptual

Segundo Evans e Green (2006), a Metáfora Conceptual e a Mesclagem Conceptual podem ocorrer juntas, de forma complementar, e não uma em detrimento da outra. Isso se deve ao fato de a Teoria da Mesclagem possibilitar a análise da estrutura emergente, e a Teoria da Metáfora não, por apresentar um modelo bidimensional.

No entanto, existem as metáforas chamadas de primárias e os casos de mesclagem que não envolvem metáfora. Nas metáforas primárias, há conceitos primários tanto no domínio-fonte quanto no domínio-alvo, estando ligadas à

experiência sensório-perceptual; já as mesclagens que não envolvem metáfora referem-se às respostas subjetivas à experiência sensório-perceptual.

Essa concepção pode ser observada por meio dos seguintes exemplos: “Temos sede de dinheiro” (=desejo de ganhar dinheiro/ SEDE e DESEJO); “Este será um grande dia” (=dia importante/ TAMANHO e IMPORTÂNCIA). Tais exemplos são metáforas primárias por serem estabelecidas com base em correlações de nossas experiências. São considerados, portanto, metáforas sem mesclagem, pois não decorrem de operações de projeção entre domínios, a partir de um *espaço genérico*. Um caso de mesclagem conceptual em que não ocorre metáfora é quando é ativada uma rede de integração PAPEL-VALOR.

Em Fauconnier (1999), encontramos o exemplo “cavar sua própria cova”, o qual, por meio da mesclagem, revela que inferências do domínio-fonte podem ser violadas, uma vez que ninguém cava sua própria cova inconscientemente. A estrutura de agente, paciente e a sequência da ação não é preservada, pois se sabe que o paciente morre e o agente funerário cava a cova. Porém, nessa metáfora em questão, os papéis do agente e do paciente se mesclam e a ordem do evento é invertida. Para que haja a compreensão da metáfora, por meio da mesclagem, é criada uma mescla de que como não é possível cavar a própria cova, ou seja, na realidade, a pessoa está fazendo algo errado, que provavelmente não acabará bem.

Logo, a mesclagem cria uma estrutura emergente, que torna possível herdar de um domínio a estrutura de *cova*, *cavar* e *enterro* e de outro domínio as estruturas *causal*, *intencional* e de um *evento interno*. A esse fenômeno os autores denominaram de ‘compressões’, que permitem a ligação entre conhecimentos de espaços distintos, contribuindo para o surgimento de novos conhecimentos.

Na frase “A empresa A nocauteia a empresa B em vendas”, pode-se observar outro exemplo de ‘compressão’ encontrado em Fauconnier e Turner (2002). No cenário, aparecem dois homens boxeando para representar dois administradores de empresas concorrentes. Nesse caso, é comprimido o entendimento do esquema de uma competição de boxe. Portanto, há um mapeamento entre os espaços *input* “boxe” e “negócios”, em que o *frame* de ringue é acionado, para que haja a compreensão de que os administradores das empresas “lutarão” para manter-se no mercado, tentando “nocautear” o outro. Nesse caso, ocorre a ‘compressão’ em termos de tempo, local e agentes; pois, na mesclagem, há dois administradores de empresas como boxeadores no ringue, por mais de meia hora (média de tempo de

uma luta), o local não é um ringue e sim nas vendas e envolve mais do que apenas dois agentes, uma vez que a empresa tem vários funcionários trabalhando em locais diferentes para que consiga “vencer essa luta”.

Linguistas cognitivistas postulam que, além da metáfora conceptual, a metonímia conceptual mostra-se como importante recurso para o entendimento dos processos de significação, uma vez que também é um processo de cognição inerente ao homem. Na próxima seção, será explorado o conceito de metonímia conceptual.

1.6 Metonímia conceptual

Tradicionalmente, a metonímia é definida como o efeito de deslocamento de significado, em que uma palavra é utilizada no lugar de outra por haver entre elas uma relação de sentido. No entanto, assim como no caso da metáfora, teóricos da semântica cognitiva argumentam que a metonímia não é apenas um mero recurso linguístico, uma vez que ocupa um lugar central nos processos cognitivos dos seres humanos.

De acordo com Lakoff e Turner (1989), a metonímia conceptual, diferentemente da metáfora conceptual, que ocorre por meio da interação entre dois domínios (o domínio fonte e o domínio alvo), envolve apenas um único domínio, o domínio-matriz.

Por exemplo, na sentença “Ela é alto astral” não há um domínio de [ORIENTAÇÃO ESPACIAL] que faça parte da matriz [EMOÇÃO]. A ideia de que FELIZ É PARA CIMA envolve dois diferentes conceitos com a própria estrutura de evento subjacente. Por outro lado, a sentença “Este livro é a história do Iraque” é metonímica por relacionar o termo *livro* a algo que faz parte, secundariamente, do domínio-matriz LIVRO: o fato de que livros têm conteúdo. A metonímia, portanto, coloca em proeminência a informação relevante da caracterização enciclopédica do domínio-matriz em um determinado contexto (FERRARI, 2011, p. 103).

De acordo com Kövecses (2010, p. 172), expressões metonímicas podem revelar uma relação específica entre entidades de um domínio-matriz, a saber: PARTE PELO TODO, TODO PELA PARTE, INSTRUMENTO PELA AÇÃO, EFEITO PELA CAUSA, LOCAL PELA AÇÃO, TEMPO PELO OBJETO.

Segundo Kövecses (2010, p. 173), pode-se chamar a entidade que dirige a atenção (ou fornece acesso mental) a outra de *entidade veículo*, e a entidade à qual a atenção (ou acesso mental) é dirigida de *entidade alvo*. Por meio do exemplo “O 8h40 acabou de chegar”, o autor afirma que o acesso ao ônibus ocorre por meio de seu horário, ou seja, para o autor, metonímias são representadas pela fórmula “B por A”, em que “B” é o veículo e “A” é o alvo. Contudo, o autor salienta que isso não deve ser confundido com o "domínio de alvo" em ligação com a metáfora (domínio fonte e domínio alvo).

Dados os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, os quais ancoram a análise dos neologismos semânticos nesta pesquisa, no próximo capítulo, serão exploradas as teorias sobre formação de palavras, sobre o léxico, sobre os conceitos de neologismo e neologia.

2 FORMAÇÃO DE PALAVRAS E O LÉXICO

Neste capítulo, apresentaremos os conceitos teóricos sobre a formação de palavras, iniciando pelas teorias sobre formação de palavras e o léxico (2.1); passando para os conceitos de neologia e neologismos (2.2); para os processos de formação e estruturação dos neologismos (2.3); para o processo de desneologização (2.4). Por fim, abordaremos as construções lexicais no viés da Linguística Cognitiva (2.5).

2.1 Teorias sobre formação de palavras e o léxico

O conceito teórico para o termo “palavra” não é unânime entre os teóricos da área de morfologia; no entanto, de forma intuitiva e genérica, tal conceito é muito claro para os falantes, ou seja, a maioria dos falantes sabem que “palavra” é o que nomeia as coisas no mundo. No entanto, há muitos pontos de partida para a definição do conceito de “palavra”: a partir do ponto de partida gráfico, fonético e fonológico, estrutural, semântico, morfológico etc.

Para bom entendedor meia palavra basta. Palavra de rei não volta atrás. Pesar as palavras, medir as palavras, pedir a palavra, empenhar a palavra, cortar a palavra, em quatro palavras, palavra de honra, santas palavras, última palavra... São alguns provérbios e expressões que demonstram que, para o falante, a palavra é identificada como uma unidade formal da linguagem que, sozinha ou associada a outras, pode constituir um enunciado. Se para o leigo parece evidente reconhecer palavras, para o linguista não é tão simples caracterizar a entidade que representa, aproximadamente, a primeira articulação da linguagem, aquela que se manifesta por meio de unidades significativas (PETTER, 2004, p. 59).

A palavra é concebida como representação de elementos do mundo, no entanto, depende de vários componentes internos, não sendo, portanto, utilizada pelos usuários de modo isolado, necessitando de estruturas fonológicas, fonéticas, sintáticas, textuais, discursivas e pragmáticas para se constituir como palavra.

Segundo Biderman (1978), diversas correntes teóricas tentaram eliminar ou reformular o conceito de “palavra”, sem sucesso. Para a autora, “não é possível

definir a palavra de maneira universal, isto é, de uma forma aplicável a toda e qualquer língua” (p. 85), “só é possível identificar a unidade léxica, delimitá-la e conceituá-la no interior de cada língua” (p. 85).

Em Basilio (1995), é possível encontrar um breve percurso das diferentes abordagens de diversas correntes teóricas acerca do fenômeno de formação de palavras. Segundo a autora, o modelo clássico, dos gramáticos tradicionalistas, não aprofunda a questão da formação de palavras. Há, sim, a conceituação dos processos formadores e uma extensa lista de palavras decompostas e de afixos, que são utilizados em novas formações, ou seja, a preocupação é com a exaustão, buscando relacionar o maior número possível de palavras derivadas e compostas.

Os estudiosos de base estruturalista reconhecem o morfema como unidade mínima significativa ou dotada de significado que integra a palavra. O estruturalismo dedicou-se a estudar, classificar e categorizar essa unidade. Esse enfoque conferiu grande importância aos estudos morfológicos da palavra, porém, como afirma Basilio,

mais uma vez, preocupa-se apenas com a determinação da estrutura das palavras já formadas, pelo menos implicitamente. Ou seja, a preocupação [...] seria apenas a de estabelecer formulações gerais que correspondessem às formações já existentes na língua (BASILIO, 1995, p. 18).

Já os estudiosos gerativistas, embora no início não tenham estudado os fenômenos morfológicos, estudaram o léxico das línguas, contribuindo com a questão das competências. No entanto, Basilio (1995, p. 19) lembra que “as correntes dominantes no desenvolvimento da teoria gerativa não são propícias a um desenvolvimento adequado de uma teoria das formações lexicais, por ser a teoria gerativa centralizada na sintaxe”.

Uma situação comum a todas essas correntes teóricas, no que tange à formação de palavras, é a das formações irregulares, que ocorrem devido à diversidade de processos formadores e significados diferentes. Dessa forma, como afirma Basilio (1995), há uma grande dificuldade em estabelecer generalizações. Isso é corroborado pelo gramático Evanildo Bechara (2006, p. 334), para quem “a apreensão do morfema ou dos morfemas que integram a palavra nem sempre constitui uma operação fácil e sujeita a uma única solução”.

O estudo do léxico é complexo, uma vez que possui variadas definições, que mudam de acordo com a perspectiva abordada. Tendo como essência a nomeação de seres e objetos e a comunicação, as palavras, formadoras do repertório lexical de uma língua, mostram-se como elementos extremamente complexos, envolvendo diversos aspectos.

Segundo Correia e Almeida (2012, p.11), por trás da definição que parece ser simples de que o léxico é o conjunto de palavras de uma língua, esconde-se uma gama de problemas e de questões de difícil resposta, quando se pretende quantificar o léxico.

Para Marcuschi (2004), não há língua se não houver o léxico, sendo ele aberto e incontrollável, uma vez que, em todos dias, há o surgimento de novos termos e o desaparecimento de outros, considerados antigos.

Para Correia (2008, p.76),

o léxico já não é hoje encarado meramente como o repertório das unidades lexicais e suas respectivas idiosincrasias, mas antes como um componente da gramática que, apesar de suas particularidades (tais como o facto de ser um componente aberto e em expansão, de limites imprecisos, abrangendo todo o universo conceptual de uma língua), apresenta as suas regularidades próprias e uma forma de estruturação específicas (CORREIA, 2008, p. 76).

O léxico, para Biderman (2001), é o patrimônio cultural de uma comunidade linguística específica ao decorrer de sua história. Por isso, forma uma herança de itens lexicais e inúmeros modelos categoriais que geram novas palavras. Para a autora, deferentemente da morfologia, da fonologia e da sintaxe, que formam o sistema fechado da língua, o léxico é um sistema aberto e flexível.

Marcuschi (2004) salienta que o léxico não é um aparato para falar do mundo como se ele já estivesse ali, estático e concreto. O autor sustenta a tese sociocognitiva de que há uma relação instável, social, histórica e negociada entre linguagem e mundo. A linguagem é, portanto, um sistema simbólico, que, por meio do contexto, vai sendo construída, ou seja, não há uma semântica pronta para a linguagem, mas sim um sistema de símbolos indeterminados em vários níveis (sintático, semântico, morfológico e pragmático).

Em outras palavras, segundo Marcuschi (2004), o léxico não é uma simples lista sobre a qual não se discute, não devendo ser pensado à margem da cognição social, mas partindo da ideia de que o mundo e o discurso são constantemente

estabilizados num processo dinâmico por sujeitos sociocognitivos (e não sujeitos individuais e isolados perante um mundo pronto).

Henriques (2011) afirma que o léxico é rico e dinâmico, por isso é muito difícil a sua listagem por completo; uma vez que o léxico abarca a totalidade das palavras – preposições, interjeições, regionalismos, neologismos, expressões idiomáticas.

Léxico é o conjunto de palavras de uma língua, também chamada de LEXIAS. As lexias são unidades de características complexas cuja organização enunciativa é interdependente, ou seja, a sua textualização no tempo e no espaço obedeça a certas combinações (HENRIQUES, 2011, p. 13).

Krieger (2006) postula que o léxico é um componente central em todas as línguas. A função do léxico, na concepção da autora, é nomear os seres, os objetos e as ações do mundo. O léxico é, portanto, “o pulmão das línguas e, simultaneamente, um objeto multifacetado e em constante mobilidade”. (KRIEGER, 2006, p. 164).

Em Carvalho (1989), encontra-se bem claramente a noção de mobilidade do léxico:

Como a língua não é um *érgon*, um produto acabado, ela se refaz continuamente, porém se fundamenta em modelos anteriores. Ela é dinâmica, porque a atividade linguística é falar e entender algo novo por meio de uma língua (CARVALHO, 1989, p. 27).

Segundo Coseriu (1979), a

língua muda justamente porque não está feita, mas, sim, faz-se continuamente pela atividade linguística. Em outros termos, muda porque é falada: porque existe apenas como técnica e modalidade do falar. O falar é atividade criadora, livre e finalista, e é sempre novo, enquanto se determina por uma finalidade expressiva individual, atual e inédita (COSERIU, 1979, p. 63).

Aqui, o léxico é entendido como o conjunto de palavras existentes, ou possíveis de existir em uma língua, capaz de comunicar, representar ou modificar os significados.

De acordo com Biderman (2001), é inerente aos seres humanos categorizar linguisticamente os fenômenos que lhes são conhecidos; e, em seguida, nomear aquilo que categorizou para organizar seu mundo sensorial. Para ela, “o léxico de

uma língua constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo” (BIDERMAN, 2001, p. 13).

Segundo Basilio (2004), o

léxico é tradicionalmente definido como o conjunto de palavras de uma língua. Na lexicologia clássica, o estudo do léxico tem por objetivo o maior conhecimento possível das características e propriedades de cada palavra, no presente e no passado. (...)

O papel do léxico está diretamente ligado a essa dupla função da língua. O léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos nos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção de enunciados (BASILIO, M. 2004, p.7-9).

No entanto, de acordo com Marcuschi (2004), conhecer um objeto, saber nomeá-lo e saber sua função no mundo depende de um conjunto de condições que foram internalizadas numa determinada cultura; portanto, os nossos discursos são sociocognitivamente produzidos. A grande questão para o autor é compreender como operar com o léxico para produzir sentido, e não o contrário.

O léxico é um sistema que pode se atualizar na língua, em forma de lexias ou lexemas; no discurso, em forma de vocábulos; e, nos textos, em forma de palavras. Logo, sendo o léxico dinâmico, é um desafio estudá-lo.

Na próxima seção, discorreremos sobre neologia e neologismos, frutos dessa dinamicidade do léxico.

2.2 Neologia e neologismos

Sendo a língua viva, ela possibilita que seus usuários criem novas unidades lexicais. Tais unidades lexicais, que nunca foram antes empregadas, e ainda não foram dicionarizadas, recebem o nome de neologismos. De acordo com Alves (2004, p.5), “[a]o processo de criação lexical dá-se o nome de *neologia*. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado *neologismo*”. Ou seja, a neologia é o processo, o neologismo é o seu produto. Como consequência da necessidade que os falantes possuem de criar novas palavras, a fim de acompanhar e aperfeiçoar a

comunicação, o processo de neologia, criação neológica, torna-se inerente ao sistema linguístico.

O processo de criação lexical não está desvinculado do desenvolvimento da sociedade, pois são dois fatos complementares, são inerentes. Outro fator importante é o fato de não podermos desvincular a criação neológica da sua presença no discurso, sendo impossível considerar um neologismo como um elemento totalmente novo, independente do uso e do funcionamento concreto da língua. Os neologismos são, portanto, produzidos no uso, possuem categoria gramatical. Consistem na possibilidade que os usuários de uma língua têm de criarem novas unidades lexicais, usando mecanismos de produção próprios ao sistema lexical.

A língua, como produto social, reflete mudanças ocorridas na sociedade. E é no léxico que tais mudanças são mais perceptíveis, afinal, a todo o momento temos novas tecnologias, produtos e costumes que necessitam ser nomeados pelos usuários da língua. Além disso, a necessidade de uma maior expressividade no discurso propicia a busca no léxico de alternativas para aperfeiçoar sua comunicação.

De acordo com Carvalho (2006), é inseparável o estudo da criação lexical e a análise do contexto sócio-histórico em que em que as novas palavras são criadas: “para que o uso do neologismo se torne efetivo, é preciso que o sistema linguístico esteja apto a absorvê-lo” (p.191). Pelo fato de os falantes serem livres para criar, a língua vai mudando de acordo com a mudança histórica e as mudanças sociais.

Segundo Ferraz (2008, p. 146), “léxico é o conjunto aberto, organizado por regras produtivas, das unidades lexicais que compõem a língua de uma comunidade linguística”. A partir dessa citação, pode-se inferir que a língua é fator preponderante na identificação de um povo, pois não só transmite a cultura vivida por ele como também lhe permite expressar a realidade na qual está inserido. Dessa forma, conhecer profundamente um grupo humano implica conhecer a forma pela qual esse representa sua realidade.

Basicamente, as principais razões, segundo Leonel (1997), que levam os falantes a criarem novas unidades lexicais são a (i) neologia denominativa – palavras criadas para denominar objetos e conceitos inéditos em uma sociedade e a (ii) neologia estilística – necessidade de maior expressividade por parte dos falantes de uma língua. Cabe ressaltar que as novas palavras, ao passarem a ser usadas

com frequência pelos falantes, vão perdendo a sensação de novidade e passam a fazer parte do vocabulário efetivo dessa comunidade. A partir de então, são registradas pelos dicionários de língua e deixam de ser neologismos, de acordo com o critério lexicográfico adotado neste trabalho.

Conforme Basilio (2004, p. 9-10), esse sistema precisa ser aberto, expansível, para incorporar novas unidades criadas, e contrátil, para se redimensionar quando unidades que deixam de ser utilizadas não façam mais parte de seu conjunto. Precisa, ainda, fornecer os elementos – unidades lexicais e padrões para formação e compreensão – desses novos elementos.

O léxico, portanto, não é apenas de um conjunto de palavras. Como sistema dinâmico, apresenta estruturas a serem utilizadas em sua expansão. Essas estruturas, os processos de formação de palavras, permitem a formação de novas unidades no léxico como um todo e também a aquisição de palavras novas por parte de cada falante (BASILIO, 2004, p. 9).

Segundo Correia e Almeida (2012), a neologia possui duas concepções: a primeira concepção está ligada à capacidade natural de renovação do léxico de uma língua, por meio da criação e da incorporação de novos itens lexicais, ou seja, os neologismos. A segunda concepção para a neologia está relacionada ao estudo dos itens lexicais neológicos que vão surgindo e se incorporando à língua.

Diferentemente dos neologismos, há as unidades que acabam caindo em desuso, as quais Bechara (2006, p. 351) chama de arcaísmos, que, por razões diversas, caem no esquecimento de uma determinada comunidade linguística. Em contraposição a esse movimento de perda de unidades, há o neologismo, a palavra nova, o elemento resultante do processo de criação lexical – a neologia (ALVES, 2004, p. 5).

No tópico a seguir, será feita a descrição desses processos de formação dos neologismos, seguindo o postulado nos estudos feitos em Alves (2007). Essa descrição é importante, uma vez que facilitará o reconhecimento e a identificação dos neologismos encontrados nas notícias e manchetes dos jornais analisados.

2.3 Processos de formação e estruturação dos neologismos

Neste tópico, abordaremos os processos de formação dos neologismos de uma forma geral. Desse modo, poderemos observar quais foram os processos de formação de neologismos presentes nas realizações neológicas encontrados nos dados de análise.

Os neologismos, segundo Alves (2007), podem ser formados por material obtido na própria língua, chamados de processos autóctones; ou por meio de itens lexicais oriundos de sistemas linguísticos diferentes, sendo estes formados a partir de diferentes processos: fonológicos, sintáticos (prefixal, sufixal, composição coordenativa, composição subordinativa, composição sintagmática e composição por siglas ou acronímia), por conversão, semânticos, por truncação, palavra-valise, por reduplicação, por derivação regressiva e neologismos por empréstimo, que estão relacionados aos estrangeirismos e aos decalques.

2.3.1 Processo fonológico de formação de neologismo

Os neologismos fonológicos caracterizam-se pela criação de uma unidade lexical cujo significante é inédito, ou seja, não depende da existência de outra palavra. No entanto, há os casos da criação de neologismos baseados em sons ou ruídos, chamados, por isso, de onomatopaicos. Porém, não são totalmente arbitrários, uma vez que se baseiam nos sons já existentes.

O processo fonológico de formação de neologismos é muito raro e incomum em todas as línguas, pois os usuários tendem a criar palavras a partir de elementos já existentes em sua língua.

2.3.2 Processo sintático de formação de neologismo

Diferentemente do processo fonológico de formação de neologismo, o processo sintático pressupõe a combinação de elementos já existentes no sistema linguístico da língua. Muito produtiva no português é a formação de neologismo por

derivação prefixal. Ocorre quando há a união de um prefixo a uma base, criando vários significados.

Além da derivação prefixal, os neologismos sintáticos também se formam por derivação sufixal, que ocorre quando o sufixo atribui à palavra-base uma ideia complementar. Pode ocorrer por sufixos nominais, verbais e adverbiais.

Outro processo de formação de neologismo sintático é o por composição. Ocorre quando há uma justaposição de bases autônomas e não autônomas. O processo por composição se divide em: composição coordenativa, subordinativa, sintagmática e por siglas ou acronímia.

Segundo Gonçalves (2012), tais processos são chamados de não concatenativos por serem caracterizados pela ausência de encadeamento. Por esse fato, são interpretados como irregulares pela maior parte dos estudiosos.

Em linhas gerais, os processos chamados de não concatenativos (ou não lineares) se diferenciam dos aglutinativos pela ausência de encadeamento. Nas operações aglutinativas, como a composição, a prefixação e a sufixação, um formativo se inicia exatamente no ponto em que outro termina, como em 'bolsa-ditadura' ("benefício pago pelo governo para reparar danos impostos a cidadãos brasileiros durante o regime militar"), 'pré-sal' ("porção do subsolo que se encontra sob uma camada de sal situada abaixo do leito do mar") e 'psdista' ("adepto do PSD", novo partido político brasileiro). Nos processos não concatenativos, a sucessão linear dos elementos morfológicos pode ser rompida por reduções, fusões, intercalações ou repetições, de modo que uma informação morfológica não necessariamente se inicia no ponto em que outra termina (GONÇALVES, 2012, p. 182).

O processo de formação de neologismos por composição coordenativa ocorre quando há a justaposição de substantivos ou palavras que pertencem à classe gramatical diferente. Ocorre sempre em bases de mesmo valor.

O processo por composição subordinativa ocorre entre dois substantivos, em que o primeiro adquire papel de determinado e o segundo de determinante, como, por exemplo, na composição "auxílio-doença", em que o segundo elemento acrescenta uma característica, uma especificidade ao primeiro elemento.

O processo de formação de neologismo por siglas ou acronimicidade é frequentemente formado pelas iniciais dos elementos que compõem o sintagma. Ocorre como recurso para uma economia discursiva, pois o objetivo é tornar mais econômico e simples o processo comunicativo. No caso da formação por siglas, somente as iniciais dos elementos do sintagma são escritas. A formação por

acronímia ocorre geralmente quando há a composição da primeira sílaba do elemento de cada componente do sintagma, como, por exemplo, Anvisa – Agência Nacional de Vigilância Sanitária – e Procon – Fundação de Proteção e Defesa do Consumidor.

O item léxico formado acronimicamente, que tem a função de permitir uma economia no ato da comunicação, somente exerce tal papel se a sigla for interpretada pelos receptores. Por isso, o neologismo formado por sigla, ao ser empregado pela primeira vez, apresenta-se frequentemente explicado por meio de todo o sintagma ou de sua definição (ALVES, 2007, p. 57).

Por fim, a composição sintagmática acontece quando há uma estreita relação sintática em um segmento frasal, constituindo uma unidade lexical única. Como afirma Alves (2007),

à base determinada segue-se a determinante, que pode ser introduzida por uma preposição. No interior do sintagma, os componentes do item léxico conservam as relações gramaticais características da classe a que pertencem (ALVES, 2007, p. 50).

2.3.3 Neologismo por conversão

Segundo Alves (2007), a conversão (ou derivação imprópria) refere-se a uma formação lexical em que o item lexical passa por mudanças em sua distribuição sem que ocorram mudanças formais: “Para o final de 89 deveremos dar um salto para dez milhões de *consoiciados*” (ALVES, 2007, p. 60). Nesse exemplo, vemos um adjetivo sendo usado com valor de substantivo.

Ainda em Alves (2007), vemos que a conversão também pode ocorrer através da substantivação de verbos, como, por exemplo, o verbo *digladiar*, que passa a ter um valor de substantivo no contexto da seguinte frase: “O já empoeirado *digladiar* entre distribuidores e locadores de vídeo vive mais um capítulo” (ALVES, 2007, p. 61).

2.3.4 Neologismo semântico

No caso dos neologismos semânticos, as palavras são empregadas apenas com novo significado, sem que haja uma mudança formal em sua estrutura. Geralmente, verifica-se uma mudança de sentido por meio dos processos estilísticos da metáfora, da metonímia, da sinédoque etc., como exemplificado em Alves (2007, p. 62):

Nos contextos abaixo, o mecanismo da transposição metafórica é responsável pela criação dos neologismos semânticos *baixinho* e *piloto*:

(1) “Excitada como uma adolescente em véspera de férias, pela primeira vez Xuxa preparou um *réveillon* especial para sua turma de baixinhos” (Gl, 30-12-88, 2º. Cad.: 2, c.3);

(2) “De acordo com o grau de desespero de quem contrata o ‘piloto’ (pessoa que faz a prova por terceiros), o preço de uma prova chega a superar NCz \$ 20,00” (F, 05-02-89:8, c.1).

Os contextos em que se inserem as unidades lexicais referidas nos mostram que o significado básico de *baixinho* (“pessoa muito baixa”) e o de *piloto* (“pessoa que dirige um veículo”) não é mantido. O sucesso alcançado pela apresentadora de televisão Xuxa entre as crianças, que ela denomina *baixinhos*, está difundindo o emprego desse novo significado da base mencionada. *Piloto*, como indica o contexto, expressa “alguém que presta um exame para outra pessoa”.

À medida que os neologismos semânticos são aceitos pela comunidade linguística, as novas acepções entram nos dicionários. Ao significado básico de uma palavra, os que vão sendo criados pelo processo de neologia semântica entram como extensão do significado.

2.3.5 Truncação, palavra-valise, reduplicação e derivação regressiva

O processo de criação de neologismos por truncação consiste em um tipo de abreviação, em que, na maioria das vezes, a última sequência lexical é eliminada. Temos o exemplo da palavra “euro”, citado em Alves (2007), oriundo da palavra “europeu”.

O Banco Itaú *breaks ice* (o Banco Itaú quebra o gelo) é o título da matéria em que o *Financial Times*, que pela pena do maior especialista do euromercado, P. Montagnon, explica o significado da emissão de 50 milhões de dólares em *commercial papers* (E, 11-07-86:3, c. 1) (ALVES, 2007, p. 68).

Seguindo essa mesma lógica, temos a seguinte criação, vinda do adjetivo asiático: “Pela primeira vez a Ásia seria incluída num acordo de desarmamento [...]. São os asiamísseis, prolongamentos dos euromísseis.” (ALVES, 2007, p. 69).

Para Gonçalves (2011c), os mais importantes processos não concatenativos de formação de palavras são o cruzamento vocabular (*blend*) e o truncamento (*clipping*), pois, nos compostos neoclássicos, os elementos de primeira posição podem, pelo processo de *clipping*, ser utilizados sozinhos em referência a todo composto de onde foram extraídos, adquirindo, assim, estatuto de palavra. Truncamentos podem incidir em elementos não morfêmicos, a exemplo de ‘profe’ (<‘professor’), ‘refri’ (<‘refrigerante’) e ‘visu’ (‘visual’).

O processo de criação de neologismos denominado palavra-valise manifesta-se por um tipo de redução – das duas bases, ou somente uma – em que são privadas de uma parte de sua composição para formar um novo item lexical (uma perde a sua parte final e a outra, a inicial). Esse processo também é denominado de cruzamento vocabular, palavra *portmanteau* ou contaminação. Como exemplo desse processo, temos a fusão das palavras “brasileiro” e “paraguaio”: “os ‘brasiguaios’, como são chamados os brasileiros que retornaram do Paraguai atraídos pela reforma agrária” (ALVES, 2007, p. 70) e na fusão das palavras show e comício: “quando serão distribuídas milhares de flores para a população e ‘showmícios’ em regiões carentes como a Baixada Fluminense e a zona oeste da capital” (ALVES, 2007, p. 70).

No caso do processo de formação de neologismos pela reduplicação, há a repetição de uma mesma base, duas vezes ou mais, com a finalidade de criar uma nova unidade lexical. Um exemplo desse processo pode ser visto na palavra “trança-trança”, que significa andar para diversos lados: “O trança-trança pelo bloco asiático está a mil no início da era. Heisei Shervadnaze, o homem das extremas da Gorba, esteve lá há poucos dias” (ALVES, 2007, p. 71).

A derivação regressiva ocorre quando há supressão de um elemento sufixal da palavra. No português contemporâneo, geralmente, ocorre através dos substantivos deverbais; em outras palavras, por substantivos formados a partir de verbos. Um exemplo desta derivação é a palavra “amasso”, conforme colocado por Alves (2007): “É que quando ele me viu dando uns amassos em alguém, contou que sabe massagear os pés com perfeição, que é um tremendo especialista” (ALVES, 2007, p. 71), ou seja, o substantivo “amasso” é oriundo da forma verbal “amassar”.

2.3.6 Neologismo por empréstimo

Os processos de formação de neologismos até agora descritos utilizam as próprias bases da língua a que derivou, nos casos aqui apresentados da língua portuguesa, no entanto, o léxico de uma língua não se amplia somente por meio do seu acervo lexical, ele também se apropria do contato entre as comunidades linguísticas, ocasionando a neologia por empréstimo, que se subdivide em: neologia por estrangeirismo e por decalque.

A neologia por estrangeirismo passa por duas etapas: primeiro o elemento estrangeiro é visto como externo ao vocabulário de sua própria língua. A segunda etapa refere-se à integração do neologismo por empréstimo, ou seja, a palavra estrangeira passa a integrar a língua portuguesa.

Segundo Alves (2007), o estrangeirismo geralmente é encontrado com mais facilidade em vocabulários técnicos, como também em outros tipos de linguagens especiais (publicidade e colunismo social). Como, por exemplo, o termo *pole-position* (“primeira posição no momento da partida”, e *flyng lap* (“volta rápida”).

Ayrton Senna foi o pole-position pela 13ª vez em uma temporada de 16 corridas. Ele conquistou esse direito ao superar seu companheiro de equipe, A. Prost, por 132 milésimos de segundo. Faltavam dois minutos para a final da última sessão classificatória para o GP australiano quando Ayrton fez a sua *flyng lap* (volta rápida) (ALVES, 2007, p. 73-74).

Gonçalves (2011) observa que vem sendo cada vez mais frequente no português contemporâneo o emprego de elementos morfológicos da língua inglesa por processos de truncamento e por abreviação. Formativos como esses acabam criando esquemas de formação de palavras que entram em conformidade aos padrões constitucionais existentes na língua, sendo chamados de xenoconstituintes, como blogueiro, teclar, busão etc..

Diferentemente do estrangeirismo, o decalque é de difícil reconhecimento, pois é constituído pela versão literal do item léxico estrangeiro para a língua receptora. Temos como exemplo desse mecanismo: alta sociedade (*high society*), cachorro-quente (*hot dog*), cartão de crédito (*credit card*) etc..

2.4 Processo de desneologização

De acordo com Alves (2007), para que um neologismo passe a compor o acervo lexical de uma língua não basta apenas que ele seja criado, uma vez que existem várias etapas importantes nessa criação, como, por exemplo, o reconhecimento, a aceitabilidade dos neologismos pelos falantes e pela comunidade, assim como sua inserção nas obras lexicográficas. No entanto, tais etapas não se excluem, sendo complementares, dado que ocorrem concomitantemente.

O neologismo apenas ganha estatuto de neologismo, quando o seu uso ocorre de forma generalizada e regular, por, no mínimo, um grupo de falantes. Depois disso, há a inserção do neologismo nos dicionários, também chamada de desneologização. Segundo Nunes (2006), um dicionário não é completo e nem reflete diretamente a realidade, uma vez que corresponde a uma projeção imaginária do real (de um público leitor, de uma concepção de língua e de sociedade).

O real sempre escapa ao sujeito, que, no entanto, não cessa de interpretá-lo. Definir uma palavra é atribuir uma unidade imaginária a uma porção do real, unidade que falha, desvanecendo-se logo e criando o desejo de complementação, de reformulação, de reedição, numa repetição que se desdobra na medida em que a história lhe dá lugar. Além disso, definir as “palavras” e suas significações é esquecer que se está definindo, ao mesmo tempo, o sujeito em seu lugar social: as palavras aparecem como se tivessem sentido em si mesmas, independentemente das relações entre os sujeitos (da intersubjetividade). A forma mais acabada desse esquecimento é a definição clássica: X é Y, que esquece que as palavras podem ter outros sentidos (NUNES, 2006, p. 22).

Segundo Alves (2007), é a comunidade linguística, pelo uso do neologismo, que decide sobre a integração dessa nova formação à língua. Portanto, não basta a criação do neologismo para que se torne membro do acervo lexical de uma determinada língua. Fatores extralinguísticos como tendências políticas, econômicas, culturais etc. interferem e facilitam a integração de unidades léxicas.

À medida que o uso do neologismo se torna frequente, é inserido nos dicionários e é considerado parte integrante do sistema linguístico. No entanto, essa inserção é arbitrária, uma vez que unidades lexicais muito usadas são deixadas de lado e outras, pouco usadas pelos falantes, entram para o dicionário.

Apesar da arbitrariedade para a inserção dos neologismos pelos dicionaristas, simbolizam o parâmetro, pois é o meio pelo qual é decidido se uma palavra pertence ou não ao acervo lexical de uma língua.

2.5 As construções lexicais no viés da Linguística Cognitiva

Segundo Basilio (2010), desde o surgimento da Linguística Cognitiva, em 1980, não foi dado um destaque particular ao léxico ou à morfologia, talvez porque a LC não estabelece um limite rígido entre o estudo da gramática e do léxico. A LC dá mais relevância para o estudo da Semântica do que para o estudo da Sintaxe. Contudo, é notável que, nos últimos anos, começaram a surgir estudos sobre a morfologia lexical sob a abordagem cognitiva, levando-se em conta o significado das palavras e o uso como consolidação de unidades linguísticas.

Na perspectiva da Linguística Cognitiva, ao contrário, o léxico pode ser abordado sem maior dificuldade, dado que a definição da gramática e das unidades simbólicas coincide com o entendimento que temos do léxico como um conjunto estruturado de unidades simbólicas de caráter convencional. Assim, a distinção entre construções lexicais possíveis e atestadas é menos relevante, na medida em que as unidades existentes são as unidades consagradas pelo uso, das quais se poderão depreender esquemas construcionais (BASILIO, 2010, p. 7).

Para a LC, a língua reflete padrões do pensamento, portanto, não se constitui como um sistema autônomo. O léxico, a morfologia e a sintaxe são considerados estruturas simbólicas, formando uma espécie de teias de relações. Assim, a LC enfatiza o caráter simbólico das estruturas, o que dá margem para uma abordagem bem mais abrangente das construções lexicais¹, uma vez que são entendidas como constituintes de significados.

Quanto aos significados lexicais, estes devem ser entendidos como teias de relações. Estruturas semânticas são caracterizadas em relação a domínios cognitivos, ou modelos cognitivos idealizados, como sistemas de

¹Neste trabalho, as construções lexicais não serão abordadas de forma mais aprofundada pela morfologia, uma vez que o objetivo da presente pesquisa é trabalhar com os processos de conceptualização estruturados pela mesclagem conceptual, pela metáfora conceptual e pela metonímia conceptual para a compreensão da significação dos neologismos semânticos.

conhecimentos e complexos conceituais. Assim, os itens lexicais evocam sentidos inter-relacionados e ativam teias de relações (BASILIO, 2010, p.6).

Segundo a LC, são os domínios cognitivos, ou modelos cognitivos idealizados, que nos permitem dar sentido ao léxico; portanto, é necessário que tais modelos sejam acessados, para que o indivíduo possa compreender o sentido de determinada unidade lexical.

Para a LC, a metáfora e a metonímia são princípios cognitivos considerados básicos para o processo de construção de significados. Além disso, a LC inclui o conhecimento de mundo como essencial para a construção do significado, visto que esse é baseado no uso da língua por parte de seus usuários, conduzindo-os a uma melhor interpretação das construções lexicais de sua língua.

No próximo capítulo, serão tecidas as considerações acerca dos procedimentos metodológicos adotados na elaboração deste trabalho.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, serão apresentados os métodos utilizados para o desenvolvimento deste estudo. Tomamos como base teórica os pressupostos da Linguística Cognitiva, que possui como objetivo principal investigar as operações cognitivas ativadas na mente humana no processo de construção do significado.

De acordo com Denzin e Lincoln (2006), este trabalho resulta de um estudo qualitativo, uma vez que os dados não foram examinados ou medidos experimentalmente em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Segundo os autores, esse tipo de pesquisa possibilita práticas interpretativas, viabilizando ao pesquisador compreender melhor o assunto que está analisando. Dessa forma, a análise foi realizada por meio de interpretações indutivas, tendo em vista que os dados não foram submetidos a um procedimento experimental, nem estatístico.

Como objetos de estudo, os jornais *Meia Hora* e *Expresso* foram escolhidos não porque os consideramos melhores do que os outros jornais em circulação nacional, mas por serem mais pertinentes à nossa pesquisa, uma vez que a liberdade de criação linguística é uma de suas principais características. A linguagem criativa e descontraída parece ser, sobretudo, a principal atração desses periódicos.

No que tange a caracterização da palavra como neologismo, seguimos o critério lexicográfico, posição adotada por diversos estudiosos do assunto. Segundo Ferraz (2006), os pesquisadores da área lexical consideram o dicionário de línguas como o principal instrumento para verificar o estatuto neológico de uma palavra. Para eles, quando uma palavra, em pleno uso, não é encontrada nos dicionários, tem seu estatuto neológico confirmado, porém, ao ser incluída nos dicionários, deixa de ser um neologismo.

Segundo Alves (2004), os dicionários simbolizam o parâmetro pelo qual é decidido se uma palavra pertence ou não ao acervo lexical de uma língua, apesar das arbitrariedades cometidas pelos dicionaristas. Portanto, neste trabalho, foi selecionado como *corpus* lexicográfico de exclusão o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009).

Ao todo, encontramos 72 neologismos, sendo 3 fonológicos, 10 semânticos, 21 por truncação, 1 por reduplicação, 33 por siglas ou acronimicidade e 4 por empréstimo (cf. Anexo B). Tais construções neológicas foram descritas no segundo capítulo. No entanto, para esta pesquisa, selecionamos os neologismos semânticos, uma vez que se mostraram mais produtivos à análise sob a perspectiva da mesclagem conceptual, da metáfora conceptual e da metonímia conceptual.

Procuramos os significados dados a tais formações no Houaiss (2009) como forma de constatar seu estatuto neológico. Feito isso, buscamos os significados com que foram empregadas nas manchetes e nas notícias analisadas.

Para auxiliar a compreensão dos novos sentidos atribuídos a tais palavras, foi realizada uma busca no *síte* no Dicionário Informal *on-line* da Língua Portuguesa, uma vez que procura registrar de forma dinâmica os significados das palavras, ancorados no uso. Apesar de dicionários informais não serem considerados como *corpus* de exclusão pelos lexicólogos, foram considerados importantes para a pesquisa por registrarem as extensões de sentidos pelas quais as palavras já passaram.

A pesquisa foi realizada da seguinte maneira: primeiramente, como forma de análise piloto, foram recolhidos periódicos por um espaço de tempo de quinze dias entre os dias 17/04/15 ao dia 02/05/15. Em seguida, foi feita uma leitura minuciosa de cada exemplar, visando identificar os neologismos semânticos em potencial. Posteriormente, esses neologismos identificados passaram pelo *corpus* de exclusão. O mesmo foi feito com periódicos do dia 15/07/2015 ao dia 30/07/2015, totalizando, então, 27 periódicos.

A análise foi dividida em duas partes: na primeira foram identificados os neologismos, de acordo com o *corpus* de exclusão. A partir disso, os neologismos semânticos foram listados, sendo especificada a palavra encontrada, seu contexto na matéria jornalística, a data da publicação e a página. Na segunda parte, os neologismos encontrados foram analisados sob a perspectiva da mesclagem conceptual, da metáfora conceptual e da metonímia conceptual, para que fosse possível descrever como os leitores processariam os *inputs*, de modo a chegar ao espaço mescla com o novo sentido da palavra.

A análise do material passou pelas seguintes etapas:

1. Foram recolhidos os periódicos dos dias 17/4/2015 ao dia 2/5/2015, posteriormente foram analisados periódicos dos dias 15/07/2015 ao dia 30/07/2015, totalizando 27 jornais;
2. Foi feita uma busca dos neologismos semânticos em potencial;
3. Os possíveis neologismos passaram pelo *corpus* de exclusão, para que fosse decretado seu estatuto neológico;
4. Procuramos as definições dos neologismos no Dicionário Informal *on-line* da Língua Portuguesa;
5. Os neologismos foram analisados sob uma abordagem cognitiva, de acordo com as teorias da mesclagem conceptual, da metáfora conceptual e da metonímia conceptual, para que se propusesse uma descrição de como o leitor conceptualizaria essas formações neológicas.
6. Foi feita a elaboração da rede de integração conceptual para interpretação dos neologismos, com vistas a observar como ocorre o surgimento das extensões de sentidos nos neologismos semânticos.

Estabelecidos os passos da elaboração do trabalho, compreendemos que seria importante tecermos considerações, ainda que breves, sobre os jornais escolhidos para o material de análise.

- Jornais *Meia Hora* e *Expresso*: breves considerações

Pertencente ao grupo *O Dia*, o jornal *Meia Hora* foi lançado no Rio de Janeiro em setembro de 2005. Desde então, apresentou-se como um jornal extremamente popular. O nome *Meia Hora* é bastante sugestivo, uma vez que o jornal é resumido, sendo possível lê-lo em meia-hora.

Já o jornal *Expresso*, de acordo com informações institucionais obtidas no *site Infoglobo*², chegou às bancas no dia 27 de março de 2006 para oferecer ao leitor das classes C e D a oportunidade de estar bem informado, por meio de uma linguagem simples, fácil e rápida, além de um preço bastante acessível. Em formato *tabloide*, assuntos mais relevantes do dia a dia do leitor são abordados diariamente em suas páginas, sempre de forma direta e organizada.

² Informações obtidas no *site* < <https://www.infoglobo.com.br/Anuncie/institucional.aspx>>.

Os jornais analisados são de grande circulação no Rio de Janeiro. A leitura deles é convidativa por um conjunto de fatores: arte visual chamativa, linguagem criativa, divertida e despojada. No que se refere à linguagem, fica clara a presença da oralidade nos textos, criando uma atmosfera informal e familiar, fazendo com que os leitores se sintam parte do jornal.

Frequentemente, as notícias abordam assuntos de forma atrativa para o gosto popular, por exemplo, casos policiais, escândalos, futebol, celebridades, novelas etc. são noticiados com um tom de ironia, deixando-as muitas vezes cômicas, mesmo sendo trágicas. Devido a essa irreverência com o uso da linguagem, é frequente a experimentação linguística, tendo como resultado a criação de neologismos como forma de impactar e chamar a atenção do público leitor, ou mesmo usar os neologismos que já são conhecidos por eles.

Apresentados os métodos para a elaboração do trabalho, passaremos ao capítulo de análise dos neologismos semânticos.

4 NEOLOGISMOS SEMÂNTICOS EM *MEIA HORA E EXPRESSO*

Como forma de organização da análise, dividimos este capítulo em duas seções: na primeira (4.1), serão apresentados os termos identificados como neologismos semânticos, por meio da listagem dos 10 neologismos validados por nós, após passarem pelo *corpus* de exclusão; a frequência de ocorrência de tais termos nos jornais durante o período de coleta; e as definições já descritas pelo dicionário Houaiss (2009) e pelo Dicionário Informal *on-line*. Na segunda parte (4.2), passar-se-á à análise das operações cognitivas envolvidas no processo de construção do significado dos neologismos.

Ressaltamos que, por se tratar de uma pesquisa qualitativa, serão apresentadas interpretações indutivas, pois os dados foram analisados dentro dos contextos das notícias e das manchetes em que se encontram.

4.1 Frequência e definições dos neologismos

No período de coleta do material de análise, encontramos 10 neologismos semânticos, cujas frequências estão listadas na tabela abaixo.

Tabela 1 – Frequência dos neologismos semânticos

Neologismos	Frequência
Rodar	11
Carioca	05
Urubu	03
Cariocão	01
Brasileirão	01
Podrão	01

Rabiola	01
Pílula azul	01
Azulzinho	01
Deitar	01

A fim de comprovar que essas palavras contextualizadas sofreram extensão de sentido, pesquisamos seus significados no dicionário Houaiss (2009), em que três termos não foram encontrados, e no Dicionário Informal *on-line*, conforme se observa a seguir.

No Dicionário Houaiss (2009, p. 1674), constam 19 acepções para o verbete “rodar”: 1 fazer mover à volta; fazer girar em volta; 2 mover-se em volta de um eixo; circular; 3 andar em volta; contornar; 4 realizar viagem passeio por; visitar; 5 percorrer, navegando, no sentido de correnteza; 6 percorrer (um veículo); 7 mover-se sobre rodas; andar ou dirigir-se de carro; rolar; 8 andar sem destino; 9 percorrer caminho a pé; caminhar; 10 cair dando voltas sobre si; rolar; 11 decorrer, passar; 12 perder oportunidade; 13 ser expulso ou excluído; 13.1 ser despedido; 14 não acontecer, por motivos de força maior; malograr; 15 não dar certo; gorar; 16 meter-se em apuros; dar-se mal; 17 não ter êxito; sair-se mal; 17.1 ser reprovado (em exame); 18 martirizar por meio da roda (‘suplício’); 19 registrar em filme; filmar. Já no *site* Dicionário Informal *on-line*, a seguinte definição se destaca: “ser pego pela polícia e ser preso ou ter que pagar propina; ‘se dar mal’”³

Para a palavra “carioca”, o dicionário Houaiss (2009, p. 406) aponta os seguintes significados: 1 relativo à cidade do Rio de Janeiro, capital do Estado do Rio de Janeiro, ou o que é seu natural ou habitante; 2 diz-se de uma raça brasileira de porcos domésticos; 3 diz-se de ou café a que se adiciona água; 4 chafariz, fonte. No Dicionário Informal *on-line*, entretanto, o verbete “carioca”, com o sentido de *Campeonato Carioca de futebol*, não foi encontrado.

As acepções de “urubu” no Houaiss (2009, p. 1911) são as seguintes: 1 comum às diversas aves ciconiformes, gênero *Coragyps* e *Cathartes*, da família dos catartídeos; têm cabeça e pescoço nus e alimentam-se de carne em putrefação; 2 (no cinema) pequeno triangulo preto de fita adesiva colado na emenda de uma trilha

³ Disponível em: <<http://en.dicionarioinformal.com.br/significado/rodar/269/>>. Acesso em: 02 jan. 2016.

sonora, para evitar que ela estoure ao passar pela fotocélula e um projetor; 3 (no futebol) juiz ou um de seus auxiliares; 4 *sentido pejorativo* carregador de defuntos; gato-pingado; 5 pessoa usando roupa preta; 6 rubro-negro, flamenguista; 7 estar em má situação ou desempregado; escovar urubu. Já para o Dicionário Informal *on-line*, “urubu” significa mascote do Flamengo.

No Dicionário Houaiss (2009, p. 324), encontramos oito significados para o verbete “brasileiro”: 1 relativo ou pertencente à República Federativa do Brasil ou que é seu natural ou habitante; 2 relativo ou pertencente aos brasileiros; 3 que é feito por brasileiros; 4 típico do Brasil ou dos brasileiros; 5 o que é natural ou habitante do Brasil; 6 aquele que possui cidadania brasileira; 7 a língua portuguesa tal como é usada no Brasil; 8 *pej.* emigrado, geralmente rico, que retorna do Brasil a Portugal.

Para a palavra “podrão”, encontramos o seguinte significado no Houaiss (2009, p. 1513): muito ruim, péssimo. Etimologia: podre + -ão. Já no Dicionário Informal *on-line*, encontramos as seguintes definições: 1 sanduíche semelhante ao cachorro quente, vendido em *trailers*, quiosques e barracas, acompanhado de vários ingredientes. Geralmente azeitonas, ovo de codorna, batata palha, passas, molho, queijo parmesão ralado, cenoura picada, ervilhas, milho e beterraba picada. Além de maionese, mostarda e ketchup. Esse epíteto é dado pelo fato da maioria de seus ingredientes serem industrializados, enlatados e altamente calóricos. Sendo, pois, considerado um alimento pouco saudável; 2 pessoa ou coisa tosca, suja, decadente e sem valor.

O verbete “rabiola” recebe a seguinte definição no Houaiss (2009, p. 1601): 1 rabo de papagaio, de papel; rabilinha; 2 papagaio com a cauda nesse formato. Etimologia rabo+ -i- + -ola. Em uma das definições encontradas no Dicionário Informal *on-line*, a palavra é definida como sinônimo para “bunda grande”.

Para a expressão neológica “pílula azul”, buscamos os significados das palavras “pílula” e “azul” separadamente no dicionário Houaiss, uma vez que se trata de uma expressão. No dicionário Houaiss (2009, p. 1491), o verbete “pílula” é definido como: 1 medicamento em forma de bolinha ou confeito para ser engolido inteiro geralmente com auxílio de água; 2 *fig.* coisa que incomoda ou desagrada; 3 logro, engano, mentira (*interj.*); 4 enfado, aborrecimento ou reprovação (mais us. no pl.). E “azul” é descrito como 1 cor que, no espectro solar, ocupa a área entre o verde e o violeta; 2 cor que corresponde à sensação provocada na visão humana

pela radiação monocromática, cujo comprimento de onda é da ordem de 455 a 492 nanômetros; 3 *fig.* firmamento; 4 que tem essa cor; 5 diz-se dessa cor; 6 *fig.* muito assustado, muito perturbado; 7 diz-se de gado de cor cinzento-escura (Houaiss 2009, p. 1491). Ressalta-se que, no Dicionário Informal *on-line*, foi encontrada uma definição para a expressão “pílula azul”: “Viagra. Remédio para homens ‘broxas!’”. Quanto ao verbete “azulzinho”, neste mesmo dicionário, registra-se: “tipo de Viagra masculino”.

O verbete “deitar” possui um extenso leque de definições descritas no dicionário Houaiss (2009, p. 608), com 23 significados registrados, a saber: 1 deixar(-se) cair; lançar(-se), jogar(-se) para baixo; 2 deixar escorrer ou escorrer (líquido); verter, derramar; 3 lançar, arremessar (algo ou a si mesmo); atirar(-se); 4 atirar-se com violência; investir; 5 manifestar empenho em; dedicar-se; 6 conduzir para determinada direção; encaminhar, dirigir; 7 pôr (algo - em algum lugar); colocar, deixar; 8 conduzir (o olhar) de forma ampla e imprecisa; 9 emanar (aroma); exalar, espirar; 10 deixar passar; liberar, botar; 10.1 expelir (substância animal ou vegetal); exsudar; segregar; 11 emitir (som, palavras etc.); 12 irradiar (raios luminosos, calor etc.); espalhar, difundir; 13 exibir com vaidade; ostentar; 14 colocar(-se) de forma mais ou menos horizontal; pôr(-se) ao comprido; 14.1 pôr(-se) na cama (para o sono, repouso etc.); 15 colocar em posição inclinada; declinar; 16 fazer aparecer; constituir, gerar, criar; 17 estar voltado, ter vista; 18 estar contíguo de forma a permitir a passagem; 19 pôr, colocar (sobre o corpo); 20 chegar (a uma determinada quantidade); avultar; 21 considerar responsável por; atribuir, imputar; 22 estabelecer inicialmente (algo); começar por; 23 ter duração; prolongar-se.

Destacamos que não foram encontradas definições nem no dicionário Houaiss (2009) nem no Dicionário Informal *on-line* para as palavras “cariocão” (carioca + sufixo -ão) e “brasileirão” (brasileiro + sufixo -ão).

Ao ler as definições, constatamos que as palavras foram usadas nas manchetes e nas notícias analisadas com sentidos que não estão ainda registrados no dicionário considerado como *corpus* de exclusão nesta pesquisa, de modo a seguir os procedimentos geralmente usados por estudiosos do léxico na classificação de formações lexicais consideradas novas na língua, embora alguns sentidos figurem no Dicionário Informal *on-line*, evidenciando, assim, o conhecimento desses sentidos pelos falantes da língua. Passaremos, então, na

próxima seção, à análise cognitiva dos processos que subjazem à produção desses novos sentidos.

4.2 Análise cognitiva dos neologismos semânticos

A partir da fundamentação teórica apresentada no primeiro capítulo e dos aspectos relativos à formação e à estruturação dos neologismos revisados no segundo capítulo deste trabalho, analisaremos aqui os neologismos semânticos, considerando os contextos em que tais expressões são empregadas nas manchetes e nas notícias dos jornais (cf. Anexo A), de acordo com o estabelecido em nossa metodologia.

Nesta seção, analisaremos os processos cognitivos pelos quais passam as palavras validadas como neológicas, construiremos as redes de integrações conceituais e esquematizaremos os processos cognitivos responsáveis pelas extensões de sentido. Dessa forma, as subseções abaixo são nomeadas conforme o neologismo em análise⁴.

4.2.1 Rodar

A palavra “rodar” foi utilizada 11 vezes com o sentido de “ser preso” nas notícias e nas manchetes dos jornais no período coletado. Tal significação ocorreu nas seguintes frases:

- “Dois rodam em Caxias. Em operação ontem, policiais prenderam dois homens e apreenderam 1.480 pinos de cocaína, 639 tabletes de maconha, 84 pedras de crack, um rádio e um celular, no bairro Vila Sapê, em Caxias (*Expresso* 17/04/2015, p. 4). ”
- “Galã do Instagram roda em Manaus. Bonitão aplicava golpes em mulheres acima dos 30 anos (*Expresso* 17/04/2015, p.8). ”

⁴ Cabe ressaltar que, em uma mesma notícia ou manchete, pode aparecer mais de um neologismo semântico, sendo necessário, por isso, repeti-las, uma vez que, nas seções, será dado o destaque ao neologismo em análise.

- “Prefeito é preso suspeito de fraude. Secretário de Mangaratiba também rodou (*Expresso*, 18/04/2015, Capa). ”
- “Mulher roda por matar outra (*Expresso*, 18/04/2015, p. 4). ”
- “Mais um suspeito de arrastão roda. Ele teria confessado roubo em metrô (*Expresso*, 20/04/2015, p. 5). ”
- “Dupla roda por morte de taxista. Vítima foi baleada depois de esbarrão em boate de Realengo (*Expresso* 02/05/2015, p.4). ”
- “Menores somem e suspeito roda (*Expresso*, 21/07/2015, p. 4). ”
- “Trio roda na Vintém. Dois suspeitos foram presos e um menor, apreendido, por policiais militares do Batalhão de Choque (BPCHq) durante operação na comunidade Vila Vintém, em Padre Miguel, ontem [...] (*Meia Hora* 23/04/2015, p. 4). ”
- “Rodou feio na Baixada. Um homem de 25 anos foi preso em flagrante por policiais no 39° BPM (Belford Roxo), quinta feira (*Meia Hora* 02/05/2015, p. 8).”
- “Rodou cheio de flagrante (*Meia Hora* 16/07/2015, p. 6). ”
- “Acusado de esculachar PMs roda no churrasco (*Meia Hora* 22/07/2015, p. 4).”

Dentre as 19 definições encontradas no dicionário Houaiss (2009) para o verbete *rodar*, há uma que se enquadra no contexto das 11 ocorrências acima, “dar-se mal”. No entanto, no contexto das notícias e das manchetes do jornal, todas essas 11 ocorrências referiam-se especificamente a “ser pego por policiais, ser preso”.

Em outras palavras, “ser preso” encaixa-se em um acontecimento que se relaciona a “dar-se mal”, porém, nos jornais, “rodar” não foi empregado com sentido de “dar-se mal”, mas “ser preso”, evidenciando um significado mais específico. Assim, a palavra “rodar”, que antes conceptualizaria algo mais amplo, foi empregada na conceptualização de um acontecimento mais específico para certo grupo de leitores, que é “ser preso”. O número de ocorrências da expressão “rodar” com o mesmo sentido indica que, no contexto do público-alvo dos jornais em estudo, tal expressão significa “ser preso”, indicando, portanto, uma extensão de sentido.

Essa extensão de sentido, já registrada pelo Dicionário Informal *on-line*, logo presente no uso cotidiano da língua, resulta de analogias ativadas pelo pensamento metafórico. O sentido de RODAR como DAR-SE MAL pode ser originado de experiências corpóreas que envolvem a perda de equilíbrio do corpo ao realizar movimentos giratórios. Essa conceptualização ativa outro pensamento metafórico: SER PRESO É RODAR.

O contexto em que a palavra “rodar” com sentido de “ser preso” aparece nas notícias dos jornais envolve a ativação do *frame* CRIMINALIDADE. O termo *frame* denota um sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização de experiências. Para Fillmore (1982), o significado das palavras está diretamente subordinado a *frames*, uma vez que essas ativam o acesso a estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados física e culturalmente a experiências humanas.

Nas notícias jornalísticas sobre atividades criminosas, os papéis de policial e criminoso e as ações típicas de cada uma dessas entidades automaticamente são ativados. Assim, duas conceptualizações metafóricas podem ser ativadas pela palavra “rodar”: (i) leitores não familiarizados com o sentido de “ser preso” poderiam ativar o pensamento metafórico DAR-SE MAL É RODAR, a partir do sentido tido como figurado nos dicionários de referência da língua portuguesa para “rodar”; logo, parte do conhecimento lexical dos usuários da língua; (ii) leitores familiarizados com o sentido de ser preso ativariam o pensamento metafórico SER PRESO É RODAR, que, por sua vez, surge da metáfora mais básica, de conhecimento mais geral.

Esses encadeamentos metafóricos ativados por itens lexicais evidenciam o postulado de Lakoff e Johnson (2002) de que a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra. Segundo os referidos autores, o sistema conceptual humano é metaforicamente definido e estruturado. No caso do neologismo em questão, um leitor poderia conceptualizar “ser preso” em termos de “rodar” (dar-se mal, não ter êxito, meter-se em apuros etc.).

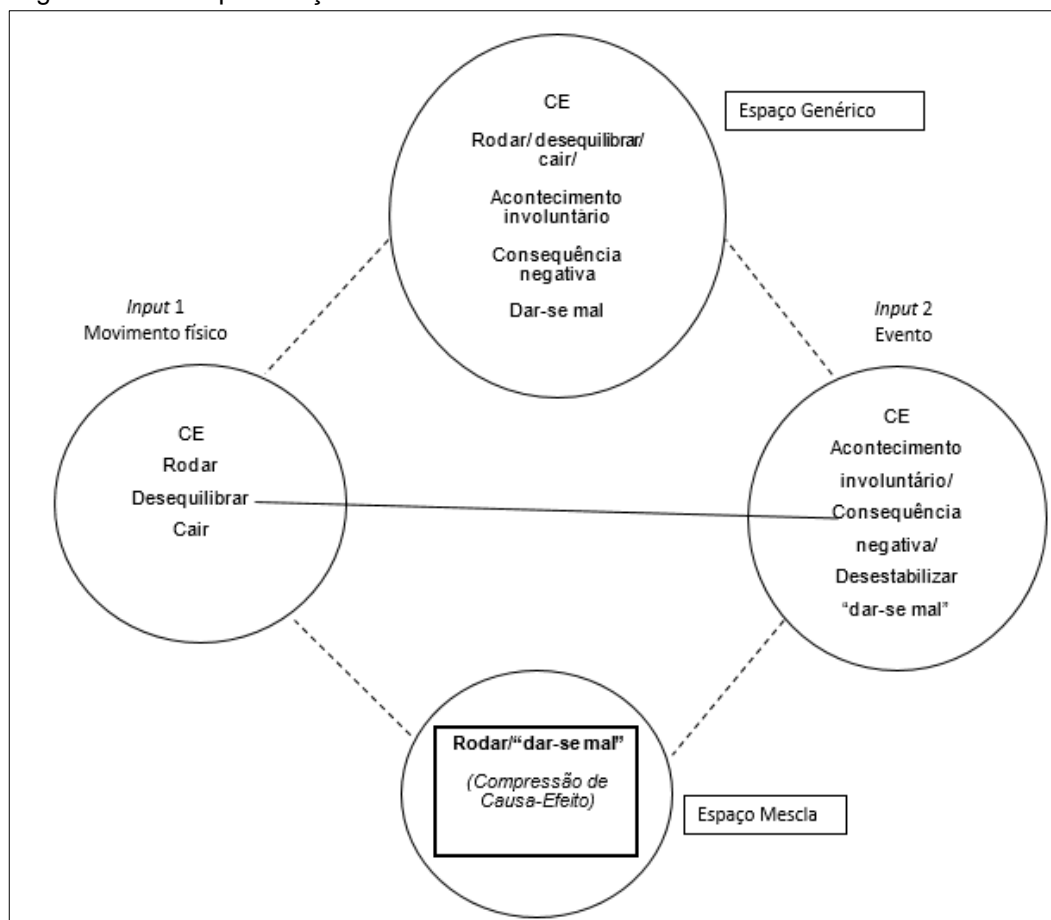
Ainda de acordo com Lakoff e Johnson (2002, p. 56), “há casos em que uma mesma frase terá significados diferentes para pessoas diferentes”, na medida em que estes “depende[m] muito de quem fala ou ouve a frase, como também de suas posições políticas”, culturais e sociais. Essa assertiva nos leva a observar que o neologismo em análise é definido e estruturado em termos de SER PRESO É RODAR para determinado grupo de leitores, uma vez que um leitor não familiarizado com o

uso de *rodar* com esse sentido poderia não compreender, de pronto, a mensagem de uma manchete com esse emprego de “rodar”. Contudo, a leitura da reportagem por inteiro, que ativa o frame CRIMINALIDADE, poderia levar ao sentido dessa formação neológica, ao passo que leitores já familiarizados com esse uso o ativariam no momento da leitura de uma manchete ou da frase inicial da notícia.

Propomos que os pensamentos metafóricos subjacentes aos sentidos ativados, por meio do acionamento de *frames*, por palavras da língua, são processados via mesclagem conceptual. Em outras palavras, itens lexicais ativam *frames* já armazenados na memória sob a forma de domínios de base linguística, social e cultural processados por espaços mentais abertos dinamicamente ao longo da construção do sentido.

Logo, em termos operacionais, para o sentido de “rodar” nas notícias analisadas, o leitor teria a noção de que, dentre os sentidos ativados para a palavra “rodar”, há a significação de “dar-se mal”. Por isso, a concepção metafórica de que DAR-SE MAL É RODAR, já internalizada pelos usuários da língua, serviria de base para o sentido SER PRESO É RODAR. Na Figura 6, apresentamos inicialmente a representação da conceptualização de DAR-SE MAL É RODAR, fundamentada por experiências corpóreas ligadas à perda de equilíbrio devido a movimentos rotatórios, evidenciando a corporificação dos sentidos abstratos a partir de experiências concretas.

Figura 6 – Conceptualização de DAR-SE MAL É RODAR



O espaço mental do *input 1* abre a noção do movimento físico de RODAR como algo que pode gerar desequilíbrio e queda. O *input 2* aciona o conhecimento de que um acontecimento involuntário pode gerar consequência negativa, tendo como gatilho a noção de “dar-se mal”. Tais *inputs* configuram compressões das relações de CAUSA-EFEITO (CE), porque abarcam uma das possibilidades gerada pelo movimento de rodar e um tipo de acontecimento involuntário, aquele que gera efeito negativo.

O esquema imagético de (DES)EQUILÍBRIO, padrão perceptual surgido da experiência física de “rodar” como algo que pode causar quedas é projetado metaforicamente para compreensão de eventos (situações, fatos, estados psíquicos) sobre os quais não se tem controle, daí a projeção analógica entre desequilíbrio e consequência negativa na mescla. Essa projeção ocorre devido ao fato de, numa rede de integração, o *frame* organizacional que fundamenta os espaços abertos permanecer disponível para compressão e descompressão. Assim, do *input 1*

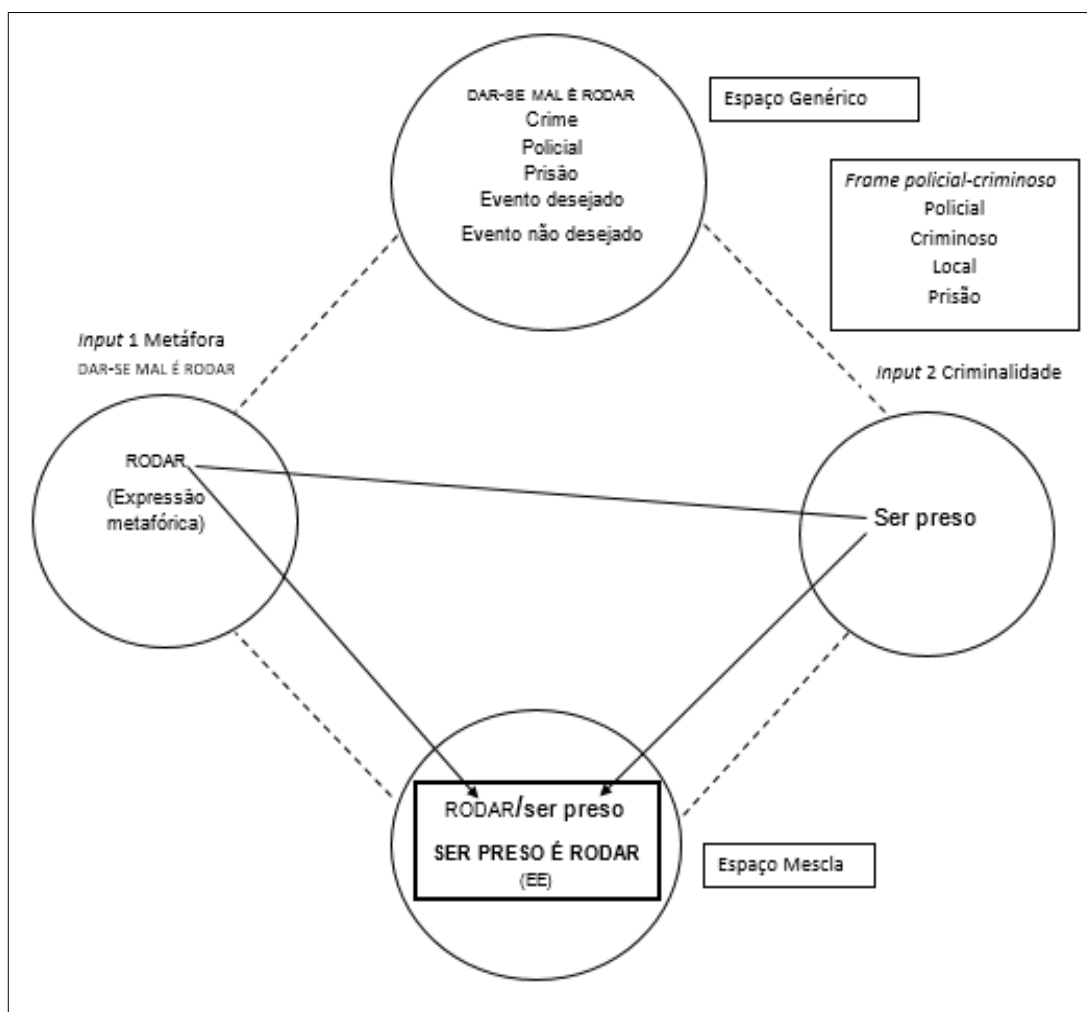
projeta-se a causa e do *input 2*, o efeito – desequilíbrio e consequência negativa, respectivamente – no espaço mescla, para conceptualização de DAR-SE MAL É RODAR.

Logo, por projeção metafórica, *rodar*, no sentido físico, estrutura o conceito de acontecimento involuntário ou desestabilizador, e *desequilibrar/cair* estrutura o conceito de *consequência negativa/ desestabilidade/ “dar-se mal”*. Tal projeção ocorre numa *rede de escopo único*, cuja mescla herda apenas um *frame*, de criminalidade, por meio da relação vital de ANALOGIA, de modo a originar uma nova PROPRIEDADE, um novo conceito a ser ativado pela palavra “rodar”.

No espaço genérico, estão contidos todos os elementos dos *inputs* “movimento físico” e “evento” ativados, bem como a noção experiencial de causa e efeito. No espaço mescla, estão contidos os elementos do *input 1*, comprimidos em *rodar*, os quais se fundem aos elementos do *input 2*, comprimidos em *dar-se mal*. Da fusão ocorrida na mescla, surge a estrutura emergente: *rodar* com sentido de “dar-se mal”.

O sentido metafórico DAR-SE MAL É RODAR, surgido via mesclagem, configurará um dos *inputs* de uma nova ativação de espaços a serem mesclados, conforme a representação da Figura 7, para conceptualização de SER PRESO É RODAR.

Figura 7 – Conceptualização de SER PRESO É RODAR



A projeção metafórica DAR-SE MAL É RODAR configura o espaço mental do *input* 1, na medida em que a noção de “dar-se mal” pode ser ativada pelo verbo “rodar”. O *input* 2 é fundamentado pelo *frame* CRIMINALIDADE, ativado pelo assunto abordado nas reportagens em que a palavra “rodar” apareceu nos jornais em estudo. Entre os eventos ligados a ações desempenhadas por policiais e criminosos, estes podem ser presos por aqueles, daí a extensão da projeção metafórica DAR-SE MAL É RODAR em SER PRESO É RODAR, como estrutura emergente (EE), a partir da analogia entre SER PRESO e DAR-SE MAL (RODAR), que gera uma nova PROPRIEDADE para o verbo “rodar”, ou seja, um novo sentido metafórico.

Analogicamente, a metáfora DAR-SE MAL É RODAR está relacionada ao fato de que eventos não controlados podem ter consequências negativas, porque algo de que não se tem controle é imprevisível quanto aos resultados positivos ou negativos.

No caso dos criminosos, o não controlado, e imprevisível, é o momento em que eles serão presos.

Portanto, por meio de uma rede de conceptualização integrada, foi possível propor uma esquematização do processo de extensão de sentido de *rodar*, tendo como base a metáfora conceptual DAR-SE MAL É RODAR, para gerar o sentido metafórico de RODAR como SER PRESO, por meio da relação vital de ANALOGIA entre os espaços de *input* comprimida em PROPRIEDADE no espaço mescla.

4.2.2 Carioca

O neologismo “carioca” foi encontrado cinco vezes no período de coleta dos dados nas matérias relacionadas a futebol. Em todas as ocorrências, “Carioca” significa *Campeonato Carioca de Futebol*, conforme se observa nos contextos abaixo:

- “O Fred não vai pegar. Flu não consegue vencer outra no tapetão, e artilheiro do Carioca está fora da decisão de hoje contra o Botafogo (*Expresso* 18/04/2015, p. 11).”
- “Vascão depena Urubu e tá na final. – Gilberto faz o rival engolir a vantagem do empate ao marcar de pênalti o gol da vitória por 1 a 0. O gigante decide o Carioca com o botafogo. Ao Fla, só resta o chororô contra a arbitragem (*Meia Hora* 20/04/2015, Capa).”
- “‘PQP, não quero o Carioca, eu quero a Copa do Brasil!’ Nação solta o grito após bater o Salgueiro: 2 a 0. Luxa deve ir pro São Paulo (*Meia Hora* 23/04/2015, Capa).”
- “Luxa: saída pode ser facilitada. A classificação na Copa do Brasil não apaga a eliminação do Carioca. A chapa nos bastidores do Fla está quente e o técnico Vanderlei Luxemburgo começa a ser fritado (*Meia Hora* 23/04/2015, p. 17).”
- “Mecão de volta à elite do Carioca. Além do América, Portuguesa subiu para a série A (*Meia Hora* 16/07/2015, p. 21).”

O dicionário Houaiss (2009) registra, como uma das primeiras acepções do termo “carioca”, “relativo ao que ocorre na cidade do Rio de Janeiro”. Contudo, nos trechos acima, observamos que a palavra “Carioca” não está sendo usada como adjetivo, uma vez que é grafada com letra maiúscula, o que a identifica como substantivo próprio. Tal alteração é uma pista para que o leitor compreenda que o sentido do termo vai além da primeira definição, passando a significar *Campeonato Carioca de Futebol*.

Assim, para compreender os sentidos ativados pelo termo nesses contextos, o leitor precisa acionar dois *inputs*, o primeiro relativo ao domínio “Rio de Janeiro” e o segundo referente ao domínio “futebol”.

É interessante notar que o *input 1* não diz respeito à cidade do Rio de Janeiro, conforme se suporia, devido ao conhecimento linguístico acessado a partir de “carioca”; em vez disso, tal espaço mental é internamente estruturado pelo *modelo cognitivo idealizado* de estado do Rio de Janeiro. Percebemos, portanto, que o processamento cognitivo responsável pelo uso do termo no jornal não tem início no conhecimento linguístico dicionarizado, mas em uma primeira extensão de sentido gerada por projeção metonímica.

Segundo Kövecses (2010), na metonímia conceptual, a entidade utilizada para acessar outra é chamada de *entidade-veículo*, “cidade”, neste caso, e a entidade acessada é a *entidade-alvo*, “estado”. Dessa forma, observamos o perfilhamento do todo a partir da parte, portanto, uma projeção intradomínial PARTE-TODO. Consideramos que essa metonímia já faz parte do conhecimento linguístico dos brasileiros; assim, tal relação não se processa no momento da leitura, uma vez que está armazenada na memória de longo prazo. Logo, o *input 1* diz respeito à ativação de um espaço internamente estruturado pelo MCI de “estado do Rio de Janeiro”, ou melhor, por todo o conhecimento enciclopédico relativo a Rio de Janeiro.

Dentre tantos conhecimentos armazenados na memória de quem vive ou está no Brasil, notamos: conhecimento de que “Rio de Janeiro” é um estado e de que estados contém cidades; conhecimento linguístico de que “carioca” significa “relativo ao Rio de Janeiro”, sendo, portanto, um adjetivo; e conhecimento de que a entidade “habitantes” está contida no domínio de “estado”, no caso, “Rio de Janeiro”. Em vista disso, optamos por representar apenas as entidades “estado”, “cidade”, “habitantes”

e “carioca” no *input 1*, uma vez que se tratam dos conceitos mais relevantes para a formação do novo sentido.

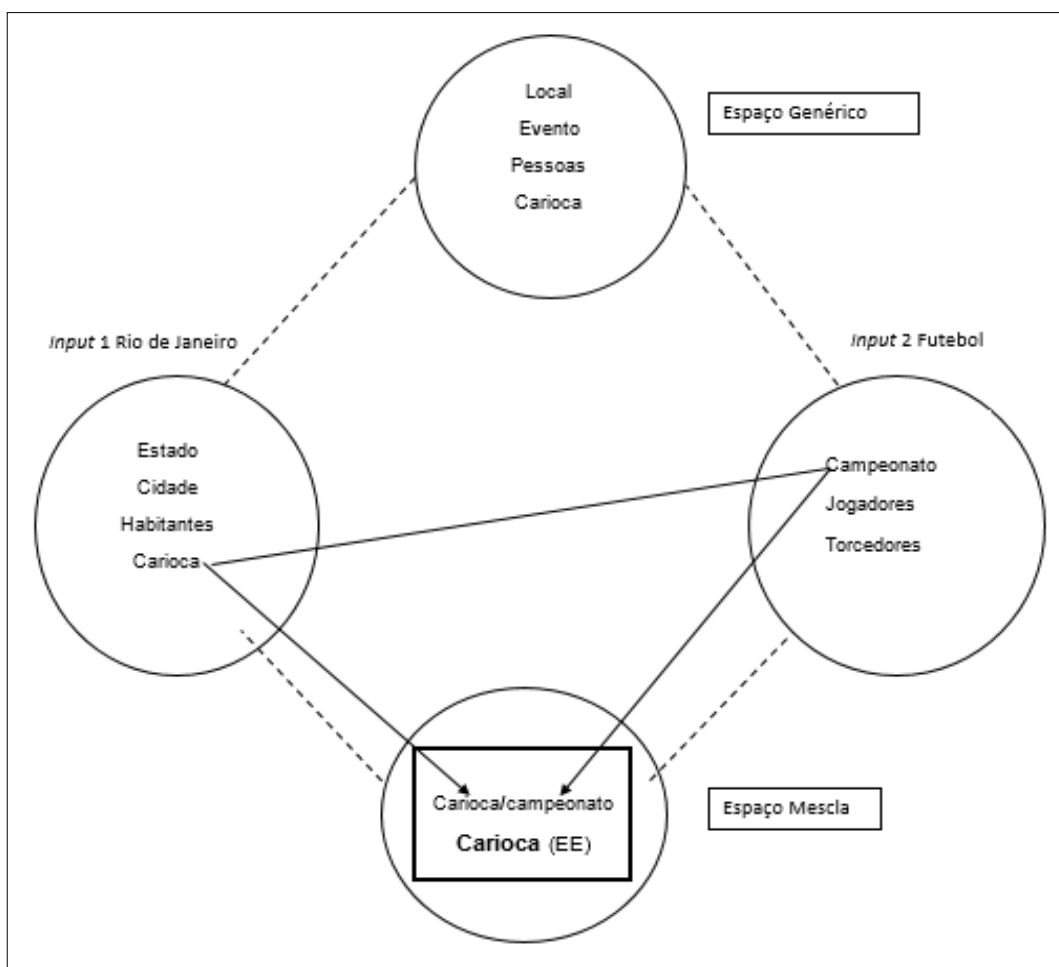
Já o *input 2* é acessado pelo assunto das notícias analisadas; por conseguinte, tal espaço é internamente estruturado pelo MCI de futebol. Dentre os conhecimentos experienciais socioculturais que fazem parte desse MCI, escolhemos apontar, na Figura 8, os conceitos representados pelas entidades “campeonato”, “jogadores” e “torcedores”.

No espaço genérico, estão contidos todos os elementos relativos aos *inputs 1* e *2*, retomados pelas entidades “local”, que compreende “estado” e “cidade”; “evento”, que recupera “campeonato”; “pessoas”, que abarca “habitantes”, “torcedores” e “jogadores”; e “carioca”, que significa “relativo ao Rio de Janeiro”.

As entidades “eventos” (*input 1*) e “campeonato” (*input 2*) são processadas analogicamente, pela relação vital PAPEL-VALOR, em que “campeonato” é um VALOR para o PAPEL “eventos”. No espaço mescla, o qual herda essas duas entidades, a ANALOGIA se comprime em UNICIDADE, portanto, no diagrama, representamos apenas “campeonato” na mescla.

A entidade “carioca” (*input 1*) também é projetada para a mescla, espaço em que se funde à “campeonato”, gerando “campeonato carioca”. Na mescla, ocorre ainda a compressão do sentido de *Campeonato Carioca de Futebol* em “carioca”, pela relação de PARTE PELO TODO, responsável pelo surgimento de um produto novo na estrutura emergente, “Carioca” com sentido de *Campeonato Carioca de Futebol*, conforme descrevemos na Figura 8.

Figura 8 – Conceptualização de “Carioca”



Na metonímia conceptual processada no espaço mescla, portanto, a *entidade-veículo* “carioca” (parte) permite o acesso à *entidade-alvo* “campeonato carioca de futebol” (todo).

Observamos, por fim, que a construção do novo sentido, neste caso, deve-se ao processamento em *rede de escopo duplo sem conflito*, uma vez que o espaço mescla herda os *frames* de “futebol” e de “Rio de Janeiro”.

Vale ressaltar ainda que a compressão de “campeonato”, substantivo, em PROPRIEDADE de “carioca”, adjetivo, promove recategorização no espaço mescla; dessa forma, há mudança de classe na estrutura emergente de adjetivo para substantivo, a qual se evidencia pelo uso da inicial maiúscula.

4.2.3 Urubu

A palavra “urubu” foi encontrada duas vezes em notícias relacionadas a futebol, nos jornais analisados. Nas duas ocorrências, substituiu o nome *Clube de Regatas do Flamengo*. Vejamos os contextos:

- “Urubu tenta encantar Bolt. Se, em campo, o Flamengo terá Marcelo Cirino, que mais parece um velocista e já foi chamado, de brincadeira, de Usain Bolt, na arquibancada, contra o Vasco, amanhã, o Rubro-negro terá o próprio jamaicano. Ontem, o Urubu convidou o cara, ídolo mundial do atletismo, para assistir ao jogo. Ele adorou (*Expresso*, 18/04/2015, p. 12).”
- “Vascão depena Urubu e tá na final. – Gilberto faz o rival engolir a vantagem do empate ao marcar de pênalti o gol da vitória por 1 a 0. O gigante decide o Carioca com o botafogo. Ao Fla, só resta o chororô contra a arbitragem (*Meia Hora* 20/04/2015, Capa)”.

Dados os excertos, achamos pertinente a contextualização dos motivos que levaram a ave urubu a ser escolhida, na década de 60, como mascote do *Clube de regatas do Flamengo*. Essa explicação foi encontrada no *site* oficial da torcida do clube, segundo o qual, em vários jogos, as torcidas rivais começaram a chamar os torcedores do *Flamengo* de “urubus”, fazendo alusão racista à grande massa de torcedores rubro-negros afrodescendentes de classe baixa.

Até o dia 31 de maio de 1969, o apelido era visto como ofensa, não sendo bem recebido pela torcida do Flamengo. No entanto, em um jogo entre Flamengo e Botafogo no Maracanã, um torcedor rubro-negro resolveu levar a ave para o estádio. Na época, os dois clubes faziam o clássico de maior rivalidade pós-Garrincha, e o Flamengo não vencia o rival fazia quatro anos.

Como de costume, nas arquibancadas, os torcedores do Botafogo gritavam que o Flamengo era time de “urubus”. A ave urubu foi solta, então, na arquibancada, com uma bandeira presa aos pés e, quando caiu no gramado, um pouco antes de o jogo começar, a torcida rubro-negra fez a festa, vibrando e gritando “é urubu, é urubu”, deixando de considerá-la um símbolo pejorativo e racista, como propunham os times rivais, e passando a vê-la como símbolo do time. Nesse dia, num domingo,

o Flamengo venceu o jogo por 2 a 1. A partir de então, o urubu consagrou-se como mascote, tomando o lugar do Popeye. O cartunista Henfil, rubro-negro, foi o responsável por humanizá-lo em suas charges esportivas em jornais e revistas. O urubu tornou-se popular, ganhando, no ano de 2000, um desenho oficial e o nome “Samuca”, mas esse nome não se popularizou entre a torcida, que continua chamando-o simplesmente de “Urubu”.⁵

Contextualizada a escolha do Urubu como mascote do Flamengo, passamos para os significados encontrados para o verbete no dicionário Houaiss (2009): “rubro-negro, flamenguista”. Podemos perceber que as acepções encontradas se referem ao torcedor de forma individualizada, diferentemente de como a palavra aparece no contexto das notícias nos jornais analisados, em que “Urubu” substitui *Clube de Regatas do Flamengo*. Dessa forma, percebemos que um novo significado, embora ainda não registrado no dicionário formal, passa a ser atribuído ao verbete “urubu”, visto que o “Urubu” não é o torcedor rubro-negro, mas o time Flamengo.

No contexto da primeira notícia, em vez de aparecer “Flamengo tenta encantar Bolt”, é usado “*Urubu* tenta encantar Bolt”, levando o leitor a processar que, além de rubro-negro, acepção que aparece no dicionário, agora, “urubu” é o time Flamengo. No contexto frasal da segunda ocorrência, “Vascão depena Urubu e tá na final”, também ocorre substituição de Flamengo por “Urubu”. É interessante notar que a palavra foi grafada com letra maiúscula, portanto, como substantivo próprio, fato que leva o leitor a acessar, a partir do conhecimento linguístico, um novo referente, não mais a ave.

Na segunda notícia, o aumentativo do nome Vasco indica superioridade deste time, em detrimento do Flamengo, mencionado como um “Urubu depenado”. Ao ler esse nome no aumentativo, por meio do sufixo -ão, o público-alvo acessa a metáfora orientacional MAIOR É MELHOR, proposta por Lakoff e Johnson (2002). Segundo os autores, “metáforas de espacialização estão enraizadas na experiência física e cultural; não são construídas ao acaso. Uma metáfora pode servir como veículo para a compreensão de um conceito apenas em função de sua base experiencial.” (*ibid.*, p. 65-66). Portanto, ao registrar o nome do time vencedor no aumentativo, *Vascão*, tem-se a intenção de relacioná-lo a algo maior e melhor em relação ao time em oposição.

⁵ Informação retirada do site oficial da torcida do Flamengo: <<http://www.torcidaflamengo.com.br/news.asp?nID=3339>>.

Seguindo a mesma lógica, podemos encontrar outras metáforas conceptuais, propostas por Lakoff e Johnson (2002), estruturando nossa maneira de conceptualizar o mundo, tomando como base física o conceito de que “tamanho está ligado normalmente à força física e o vencedor numa luta está normalmente por cima” (p. 60). Assim, observamos as metáforas MAIS É PARA CIMA, MENOS É PARA BAIXO; STATUS SUPERIOR É MAIOR, STATUS INFERIOR É MENOR estruturando o conceito “Vascão”, ou seja, pelo fato de o time do Vasco estar numa situação de superioridade em relação ao Flamengo, seu nome é colocado no aumentativo, dando a entender que possui *status* superior, sendo maior do que o time rival.

Dentro desse contexto, podemos postular a metáfora DEPENAR É DERROTAR. Essa conceptualização metafórica só foi possível, devido ao neologismo “Urubu” significar *Clube de Regatas do Flamengo*. Aproveitando a ativação do MCI de aves, o redator dessa notícia usou da ironia para escrever acerca da vitória do Vasco sobre o Flamengo, pois, sendo este uma ave, o “Urubu”, aquele o depenou. Nesse caso, leva-se em consideração que depenar uma ave seria tirar-lhe algo muito importante, uma vez que a retirada de suas penas lhe causa vários danos, como impossibilidade de voar, aspecto não natural, vulnerabilidade e, até mesmo, a morte. Portanto, a metáfora conceptual DEPENAR É DERROTAR foi representada pela expressão metafórica DEPENAR.

Tendo em vista que, nas ocorrências encontradas no *corpus*, “Urubu” significa Flamengo, optamos por descrever o processamento cognitivo a partir de um único esquema, no qual o *input* 1 corresponde ao domínio “ave”, em que se escolheu representar as entidades “urubu”, “cor negra das penas” e “asas”; e o *input* 2 refere-se ao domínio “time”, do qual constam as entidades “mascote”, “cor da pele dos torcedores” e “Flamengo”.

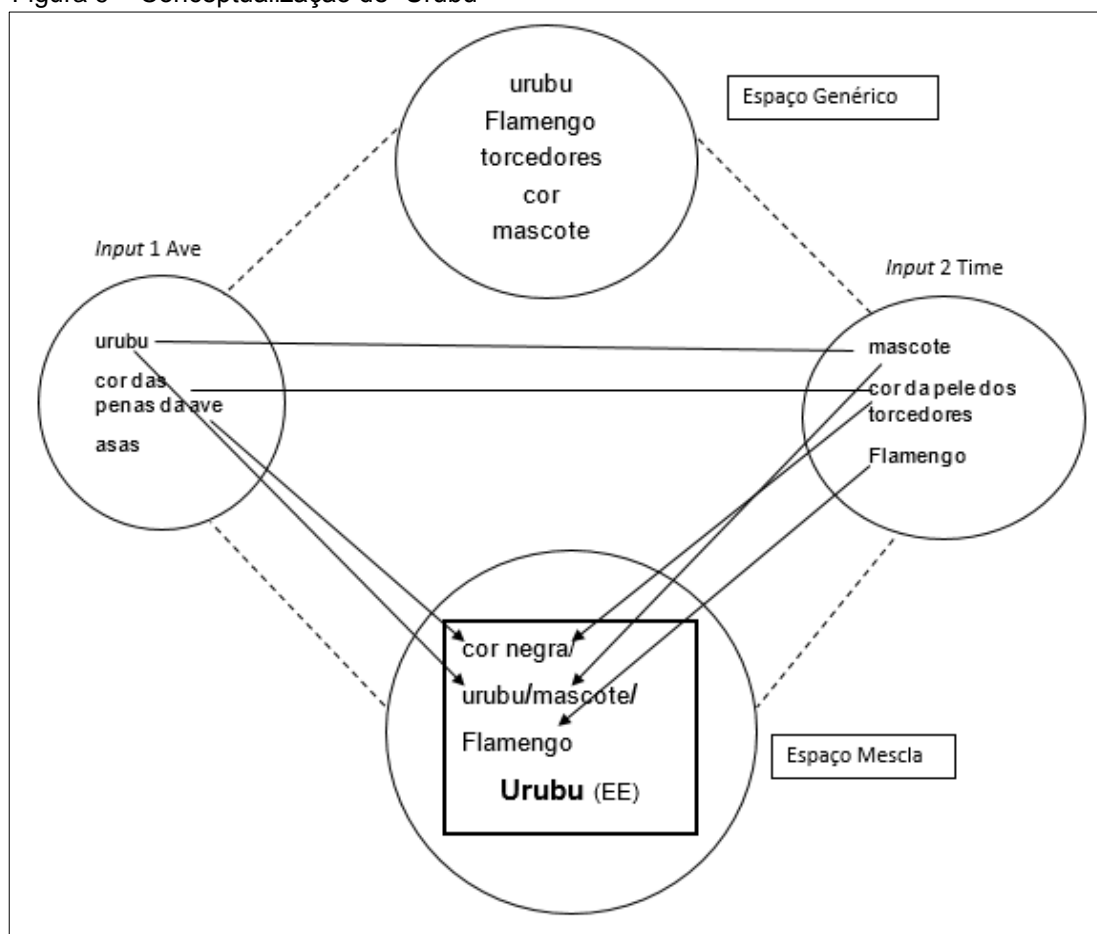
Por meio da relação entre os *inputs* 1 e 2, simultaneamente ativados, constrói-se a analogia entre a cor da pena da ave “urubu” e a cor da pele dos torcedores, através da relação vital de IDENTIDADE, comprimida em PROPRIEDADE (“cor negra”) de “urubu”. Nota-se ainda uma segunda projeção interdominial, em que o conceito “urubu” é conceptualizado como VALOR para o PAPEL “mascote”; logo, por meio da relação vital PAPEL-VALOR.

Tanto as relações vitais entre os *inputs* quanto a formação da mescla são possibilitadas pelo acesso constante ao espaço genérico, o qual abarca os elementos dos domínios de “ave” e “time”. Assim, o espaço mescla herda, do *input*

2, a entidade “Flamengo” e as relações de IDENTIDADE e PAPEL-VALOR, comprimidas, respectivamente, em “cor negra” e “urubu”. Há ainda, nesse novo espaço, uma projeção metonímica entre o elemento “Flamengo” (time) e o elemento “urubu” (mascote), a qual possibilita a formação da estrutura emergente, por meio da compressão de “Flamengo” em “urubu”.

De acordo com Kövecses (2002), por estarem intimamente ligadas na experiência, algumas *entidades-veículo* podem ser usadas para indicar ou fornecer acesso mental a *entidades-alvo* do mesmo MCI; portanto, por projeção metonímica PARTE-TODO, a entidade-veículo “Urubu” dá acesso à entidade-alvo “Flamengo”. Assim, a metonímia conceptual MASCOTE PELO TIME permite a utilização do conceito “urubu” em lugar de “Flamengo” nas manchetes e nas notícias dos jornais, conforme representamos na Figura 9.

Figura 9 – Conceptualização de “Urubu”



Notamos, por fim, que a estrutura emergente URUBU POR FLAMENGO é construída por meio de uma *rede de escopo duplo sem conflito*, pois ambos os

frames organizacionais dos *inputs* estruturam a mescla, fazendo com que ocorra a extensão de sentido.

4.2.4 Cariocão

Além do neologismo “Carioca”, há ainda outra expressão para se referir ao *Campeonato Carioca de Futebol*, “Cariocão”, conforme o excerto abaixo:

- “Nada como um ano após o outro. Vascão vence com pênalti duvidoso e está na decisão. Ao contrário do que aconteceu no Cariocão passado, o chororô agora é do Fla (*Expresso* 20/04/2015, Capa) ”.

Como vimos anteriormente, “Carioca” refere-se ao *Campeonato Carioca de Futebol* de uma forma geral, já o neologismo “Cariocão” faz menção aos times do Campeonato Carioca de Futebol da primeira divisão, ou seja, apenas aos times que estão em melhores posições, mais bem colocados no campeonato.

Na palavra “Cariocão”, o sufixo -ão foi utilizado por analogia, uma vez que a intensidade é relacionada a coisas grandes, fortes. O aumentativo foi utilizado para intensificar a qualidade dos times, estando, assim como em “Vascão”, ancorado nas metáforas conceptuais MAIOR É MELHOR; MAIS É PARA CIMA; MENOS É PARA BAIXO; STATUS SUPERIOR É MAIOR; STATUS INFERIOR É MENOR.

Demonstramos o processamento cognitivo de “Cariocão” em um único esquema, em que o *input* 1 corresponde ao domínio de “futebol” e contém a entidade “Carioca”, metonímia de *Campeonato Carioca de Futebol*, e os conceitos de divisões; o *input* 2, “morfologia”, é constituído do sufixo -ão como intensificador de qualidade, ancorado pela metáfora conceptual MAIOR É MELHOR. O espaço genérico evidencia as entidades pertencentes aos dois *inputs*: “Carioca”, “divisões” e “sufixo <ão>”.

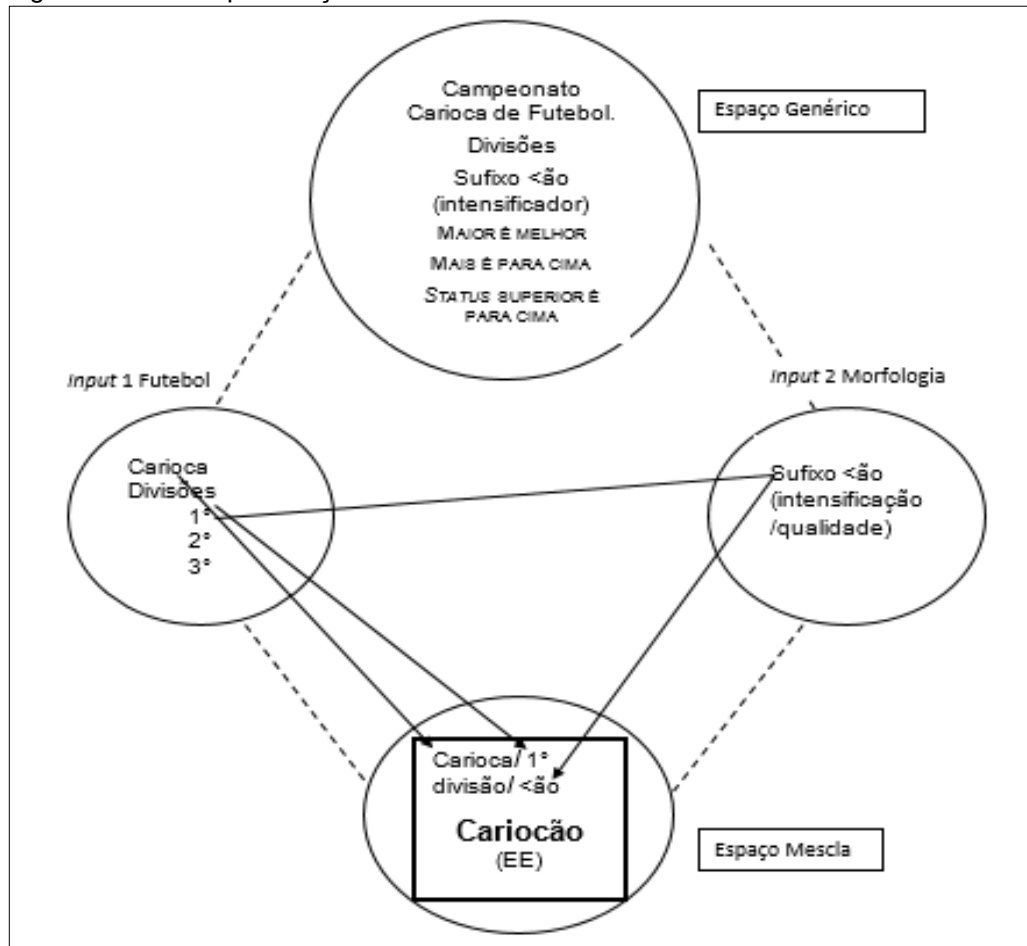
Vale ressaltar que a extensão de sentido do sufixo -ão de aumento físico de largura, altura, tamanho, por exemplo, para aumento de apreciação é fundamentada pela metáfora conceptual MAIOR É MELHOR. Assim, em concordância com Lakoff e Johnson (2002), que afirmam ser o sistema conceptual humano predominantemente metafórico, representamos, no diagrama, a metáfora MAIOR É MELHOR como uma

ativação no espaço genérico e o sufixo –ão com sentido de intensificador de qualidade como uma entidade do *input 2*, por se tratar de um conhecimento linguístico já compartilhado entre os brasileiros.

As entidades “1ª divisão” do *input 1* e “sufixo –ão” do *input 2* relacionam-se por ANALOGIA, uma vez que ambos os conceitos são sustentados pela metáfora primária MAIOR É MELHOR, assim como pela metáfora secundária STATUS SUPERIOR É MAIOR. Um exemplo concreto disso é perceptível em premiações esportivas, em que o vencedor ocupa o degrau mais acima no pódio, evidenciando as metáforas conceptuais MAIOR (ALTURA) É MELHOR; logo, MAIS É PARA CIMA e STATUS SUPERIOR É MAIOR no sistema conceptual de indivíduos de certas culturas.

O espaço mescla herda as entidades “Carioca” e “1ª divisão” do *input 1* e o conhecimento linguístico de que o sufixo –ão significa aumento e apreciação do *input 2*. Na mescla, as três entidades fundem-se, e o sentido de “1ª divisão” é comprimido em PROPRIEDADE do sufixo -ão como intensificador de qualidade, originando a estrutura emergente “Cariocão”, como descrevemos na Figura 10.

Figura 10 – Conceptualização de “Cariocão”



A extensão de sentido do neologismo “Carioca” para “Cariocão” reforça que tal expressão está fortemente em uso, pois o entendimento da palavra “Cariocão” só foi possível, devido à já existência da expressão metonímica “Carioca”. Assim, percebe-se que tal extensão de sentido ocorreu por meio de um processamento em *rede de escopo único*, já que o *frame* de futebol é o único a estruturar a mescla.

No período de coleta de dados, não foi encontrado o termo “carioquinha”, porém vale ressaltar a sua existência. Tal termo existe em oposição a “Cariocão”; enquanto este é usado para se referir aos times da primeira divisão, aquele é utilizado para mencionar disputas entre times de segunda divisão, confirmando que as metáforas conceptuais STATUS SUPERIOR É MAIOR; STATUS INFERIOR É MENOR fundamentam nossos conceitos do mundo.

4.2.5 Brasileirão

Semelhantemente ao que ocorre em “Cariocão”, usa-se a palavra “Brasileirão” como forma de prestígio para se referir ao *Campeonato Brasileiro de Futebol*, por abranger todo o país, embora não se faça distinção entre os times de acordo com suas colocações, como em “Cariocão”.

A seguir, apresentamos a ocorrência desse termo encontrada no jornal *Meia Hora*:

- “Em ponto de bala para o Brasileirão. Wellington Silva diz que Flu está pronto para a estreia (*Meia Hora* 02/05/2015, p. 19). ”

O termo “Brasileirão”, no contexto da notícia, significa Campeonato Brasileiro de Futebol, diferentemente do sentido mais usual da palavra com o sufixo aumentativo –ão, “um grande brasileiro”.

O processamento desse novo sentido ocorre a partir do acesso a três espaços *inputs*. O primeiro refere-se ao domínio “Brasil”, em que escolhemos representar as entidades “habitantes” e “brasileiro”, na acepção “relativo ao Brasil”. No segundo *input*, “futebol”, elencamos “jogadores” e “campeonato”. No terceiro,

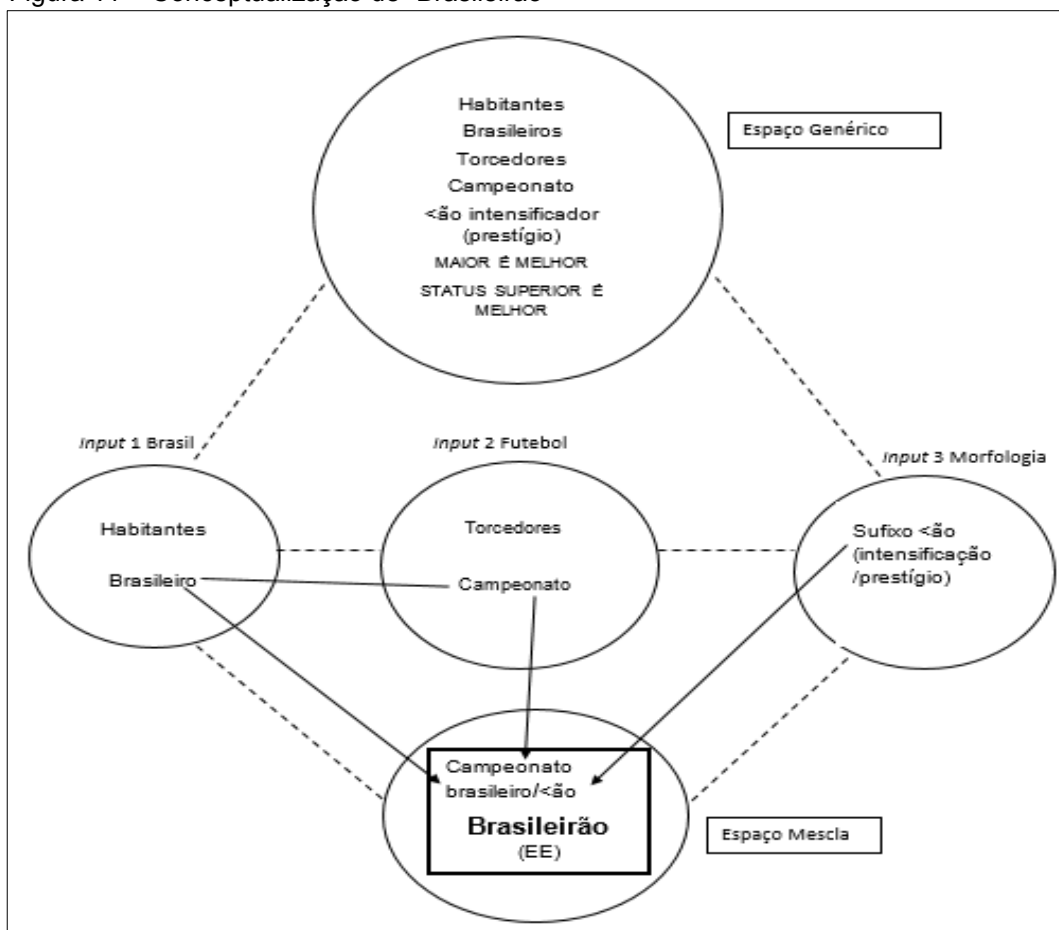
“morfologia”, figura o sufixo -ão como intensificador de prestígio, ancorado pela metáfora conceptual MAIOR É MELHOR.

No espaço genérico, representam-se todas as entidades contidas nos *inputs* bem como a metáfora conceptual MAIOR É MELHOR, que, conforme já explicitado neste capítulo, possibilitou a extensão de sentido do sufixo -ão como aumentativo de prestígio.

Entre os *inputs* 1 e 2, ocorre projeção interdominial ou analógica por meio da relação vital PAPEL-VALOR, uma vez que “campeonato” é um valor para o papel de X na construção “X do Brasil”, em “relativo ao Brasil”, a qual é representada pelo adjetivo “brasileiro”.

O espaço mescla herda a construção “campeonato brasileiro”, formada por ANALOGIA entre os *inputs* 1 e 2, e o “sufixo -ão”, do *input* 3. Na mescla, “campeonato” comprime-se em PROPRIEDADE de “brasileiro”, entidade que se funde ao sentido do “sufixo -ão”, gerando a estrutura emergente “Brasileirão”, conforme propomos na Figura 11.

Figura 11 – Conceptualização de “Brasileirão”



É interessante notar que a compressão de “campeonato”, substantivo, em PROPRIEDADE de “brasileiro”, adjetivo, promove recategorização no espaço mescla. Dessa forma, há mudança de classe na estrutura emergente de adjetivo para substantivo, a qual se evidencia pelo uso da inicial maiúscula, assim como no neologismo “Carioca”.

Ressaltamos ainda que, no Campeonato Brasileiro de Futebol, todos os times concorrem ao título de melhor time do Brasil, havendo, portanto, uma ideia de superioridade desse campeonato sobre os demais. Logo, observamos, mais uma vez, que a metáfora primária MAIOR É MELHOR, fundamenta o aumentativo presente no neologismo, assim como a metáfora STATUS SUPERIOR É MAIOR, ou seja, o que é superior é representado com o sufixo -ão, de forma a intensificar seu sentido de prestígio.

Verifica-se, portanto, que a construção do novo sentido ocorre por meio de uma *rede de escopo duplo sem conflito*, pois o espaço mescla recebe projeções da topologia dos *frames* organizacionais dos *inputs*.

4.2.6 Podrão

No período de formação do *corpus*, encontramos uma ocorrência da palavra “podrão” no jornal *Meia Hora* no seguinte contexto frasal:

- “Podrão, paulada e morte. Jovem agride comerciante e é assassinado (*Meia Hora* 23/04/2015, p.4).”

Apresentaremos abaixo parte da notícia enviada por Guilherme Santos ao jornal *Meia Hora*, para que possamos contextualizar o uso da palavra:

Por causa da suposta demora na entrega de um lanche, Marcus Vinicius da Silva Alves, de 21 anos, agrediu a pauladas o dono de *trailer* localizado próximo à casa de *shows 19 Music*, em São Gonçalo, terça-feira à noite. No entanto, ele não contava com a reação do filho do comerciante, Marcos Manoel Antunes Peres, de 44 anos, que matou o jovem com um tiro nas costas (...).

Não só nesta notícia, mas também em fala espontânea, o neologismo “podrão” refere-se a lanches nutricionalmente pouco recomendáveis, por conter muitos ingredientes que podem fazer mal à saúde, comprados, geralmente, em *trailers*, como no caso relatado, barraquinhas e estabelecimentos menos conceituados.

A palavra “podrão” não foi considerada como um neologismo por derivação sufixal, porque o verbete foi encontrado no dicionário Houaiss (2009), utilizado como *corpus* de exclusão, com o sentido de algo muito podre. Portanto, percebemos que há um novo sentido para a palavra, o de lanche/estabelecimento específico.

Segundo o Dicionário Informal *on-line*, uma das acepções do termo é sanduíche semelhante ao cachorro-quente, acompanhado de vários ingredientes, como azeitonas, ovo de codorna, batata palha, passas, molho, queijo parmesão ralado, cenoura picada, ervilhas, milho, beterraba picada, maionese, mostarda, *ketchup* etc. Nesse dicionário, ressalta-se ainda que o termo nomeia o sanduíche, devido ao fato de a maioria de seus ingredientes serem industrializados, enlatados e altamente calóricos, portanto, pouco saudável.

Vale destacar que a palavra “podrão” não é usada para se referir a lanches vendidos em estabelecimentos mais conceituados, mesmo que esses também não sejam recomendados pelos nutricionistas, por serem altamente calóricos e cheios de gorduras *trans*. Assim, a palavra não alude apenas ao caráter pouco saudável do alimento, mas também ao estabelecimento em que esse é comercializado, no qual, na maioria das vezes, vendem-se lanches mais baratos de procedência higiênica duvidosa. É interessante notar ainda o tom cômico do termo, pois as pessoas não deixam de comer o lanche, mesmo tendo consciência de que esse não é saudável e chamando-o de “podrão”.

Tendo em vista tais informações, consideramos que o processamento desse neologismo parte da ativação dos *inputs* “alimentação”, “morfologia” e “estabelecimento comercial”. No *input* 1, escolhemos representar as entidades “alimento saudável”, “boa saúde”, “alimentos excessivamente calóricos e de baixo teor nutritivo” e “saúde ruim”, pois o MCI de alimentação, que estrutura internamente esse primeiro espaço mental, inclui conhecimentos compartilhados sobre a relação entre alimentação e saúde; no *input* 2, ilustramos o sufixo aumentativo de quantidade “-ão” e a palavra “podre”; e, no *input* 3, evidenciamos as entidades “barato” e “pouca higiene”, uma vez que o *frame* acionado pelo uso de *trailer* na

notícia, no qual tal espaço se fundamenta, ativa na memória um local de higiene duvidosa que comercializa lanches baratos.

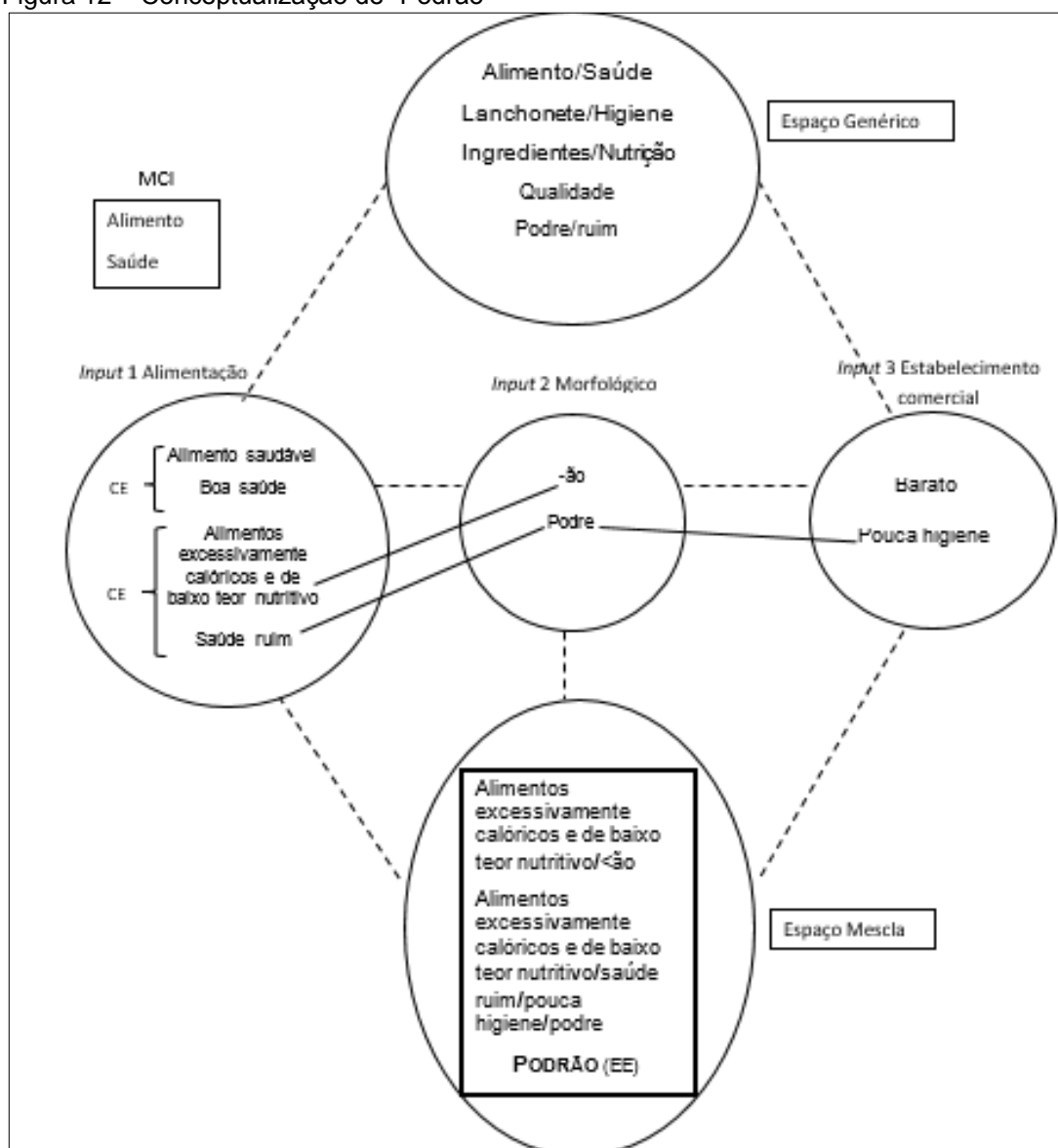
No *input* 1, “alimentação”, o conceito “alimento saudável” relaciona-se à “boa saúde”, assim como “alimentos excessivamente calóricos e de baixo teor nutritivo” associa-se à “saúde ruim” pela relação vital de CAUSA-EFEITO. Tal relação também é estabelecida entre os *inputs* 1 e 2, uma vez que a relação “alimentos excessivamente calóricos e de baixo teor nutritivo”/ “saúde ruim” pode ser entendida como a CAUSA do EFEITO “podre”.

Por meio da relação vital de ANALOGIA, a conceptualização de “alimentos excessivamente calóricos e de baixo teor nutritivo”, do *input* 1, associa-se ao aumentativo de quantidade “-ão”, do *input* 2, devido ao número de ingredientes não saudáveis que compõem o lanche; assim como o conceito de “podre”, do *input* 2, relaciona-se ao de “pouca higiene”, do *input* 3.

No espaço genérico, estão contidos os elementos referentes aos três espaços mentais de entrada: “alimento”, “saúde”, “lanchonete”, “higiene”, “ingredientes”, “nutrição”, “qualidade”, “podre” e “ruim”, os quais são acessados constantemente durante a construção do espaço mescla.

Na mescla, a relação de ANALOGIA entre “alimentos excessivamente calóricos e de baixo teor nutritivo” e o sufixo aumentativo de quantidade “-ão” comprime-se em PROPRIEDADE do sufixo “-ão”; bem como a ANALOGIA entre “podre” e “pouca higiene” comprime-se em PROPRIEDADE de “podre”. Já a relação CAUSA-EFEITO entre “alimentos excessivamente calóricos e de baixo teor nutritivo”/ “saúde ruim” e “podre” comprime-se no EFEITO “podre”. Assim, a estrutura emergente “podrão” é formada pela fusão entre as compressões ativadas por “podre” e as acionadas por “-ão”, conforme representamos na Figura 12.

Figura 12 – Conceptualização de “Podrão”



Notamos, mais uma vez, que a construção do novo sentido, o qual ativa mais do que o conceito “muito podre”, é possível devido ao processamento em *rede de escopo duplo sem conflito*, já que o espaço mescla é formado a partir da união do MCI de “alimentação” ao *frame* de “estabelecimento comercial”.

4.2.7 Rabiola

A palavra “rabiola” foi encontrada em uma notícia do jornal *Meia Hora* para se referir às nádegas de um homem que levou uma chifrada de um touro em uma

tradicional festa na Espanha. Em seguida, apresentamos o contexto de uso dessa palavra:

- “Tomou chifrada na ‘rabiola’. Um bundão não identificado foi ferido na traseira por touro desembestado durante tradicional festa na cidade de Teula, na Espanha (*Meia Hora* 23/04/2015, p. 20).”

No Houaiss (2009, p. 1601), encontramos as seguintes definições de “rabiola”: “1 rabo de papagaio, de papel; rabilinha; 2 papagaio com a cauda nesse formato. Etimologia rabo+ -i- + -ola”. Já no Dicionário Informal *on-line*, verificamos que a palavra é definida como sinônimo de “bunda grande”, usado de forma pejorativa.

Tendo em vista o contexto frasal da notícia, a definição encontrada no Dicionário Informal *on-line* é a que mais se encaixa, o que é reforçado pelo uso de aspas simples como forma de marcar um emprego não normativo.

O processamento do novo sentido de “rabiola”, dessa forma, parte da ativação dos espaços *inputs* “animais” (incluindo o homem) e “pipa”, além do *input* morfológico. No *input* 1, “animais”, representamos as entidades “extremidade inferior traseira”, “grande”, “pequeno” e “fino”; no *input* 2, “pipa”, figuram os elementos “extremidade inferior traseira” e “fino”; e, no *input* 3, “Morfologia”, apresenta-se a palavra “rabo” e o sufixo “-ola”.

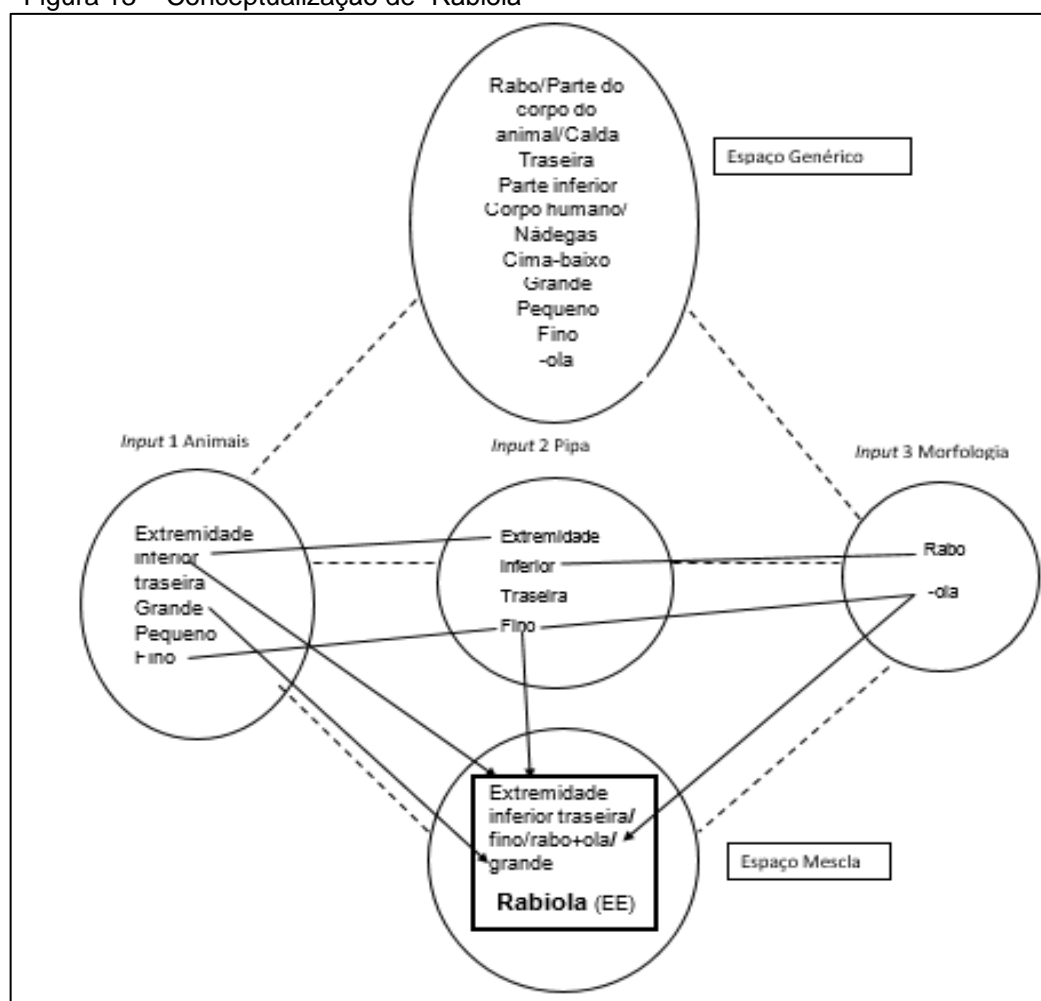
No espaço genérico, englobamos conceitos concernentes aos três *inputs*, a saber: “rabo”, “parte do corpo do animal”, “calda”, “traseira”, “parte inferior”, “nádegas”, “grande”, “pequeno”, “fino”, “cima”, “baixo” e “-ola”.

Entre os *inputs*, as entidades “extremidade inferior traseira”, do domínio “animais”, mais propriamente o papagaio, conforme citação do dicionário Houaiss (2009); “extremidade inferior traseira”, do domínio “pipa”; e “rabo, do domínio morfológico, relacionam-se por ANALOGIA, assim como os elementos “fino” (*inputs* 1 e 2) e “-ola” (*input* 3), tendo em vista que o sufixo diminutivo pode relacionar-se à diminuição de largura.

O espaço mescla herda, por projeção seletiva, as entidades “extremidade inferior traseira” (*inputs* 1 e 2), “fino” (*inputs* 1 e 2), “grande” (*input* 1), “rabo” (*input* 3) e “-ola” (*input* 3). Na mescla, as relações de ANALOGIA entre “extremidade inferior traseira” (*inputs* 1 e 2) e “rabo” (*inputs* 3), assim como entre “fino” (*inputs* 1 e 2) e “-

ola” (*input 3*), comprimem-se, respectivamente, em PROPRIEDADE de “rabo” e “-ola”, os quais se fundem. Ocorre ainda, neste espaço, fusão de “rabiola” e “grande” (*input 1*), configurando uma DESANALOGIA entre o conceito “fino”, comprimido em “-ola”, e “grande”. Assim, o produto da estrutura emergente é “rabiola” com significado de “extremidade inferior traseira humana grande”, conforme verificamos na Figura 13.

Figura 13 – Conceptualização de “Rabiola”



Notamos, portanto, que o novo sentido se formou por meio de relações vitais de ANALOGIA; logo, projeções metafóricas, e processo de mesclagem em *rede de escopo duplo sem conflito*, já que os *frames* organizacionais dos *inputs 1 e 2* estruturam a mescla.

Ressaltamos ainda que os efeitos eufêmico e humorístico causados pelo uso do neologismo na notícia devem-se aos processos de ANALOGIA e DESANALOGIA, que mantêm ativados os conceitos de “rabiola”, como “extremidade inferior traseira fina de animais” e “rabiola”, como “traseira humana grande”.

4.2.8 Pílula azul

A expressão “pílula azul” foi encontrada uma vez no jornal *Meia Hora*. No contexto da notícia, refere-se ao medicamento para impotência sexual masculina, Viagra.

- “Pílula azul rola por conta própria (*Meia Hora* 15/07/15, p. 6).”

Em nossa sociedade patriarcal, declarar-se impotente e reconhecer o uso de medicamento para impotência sexual é um *tabu* entre os homens. Por isso, o nome do medicamento *Viagra* sofreu uma espécie de eufemismo ao ser chamado de “pílula azul”, talvez para que a notícia não parecesse tão direta e ofensiva ao *ego* masculino.

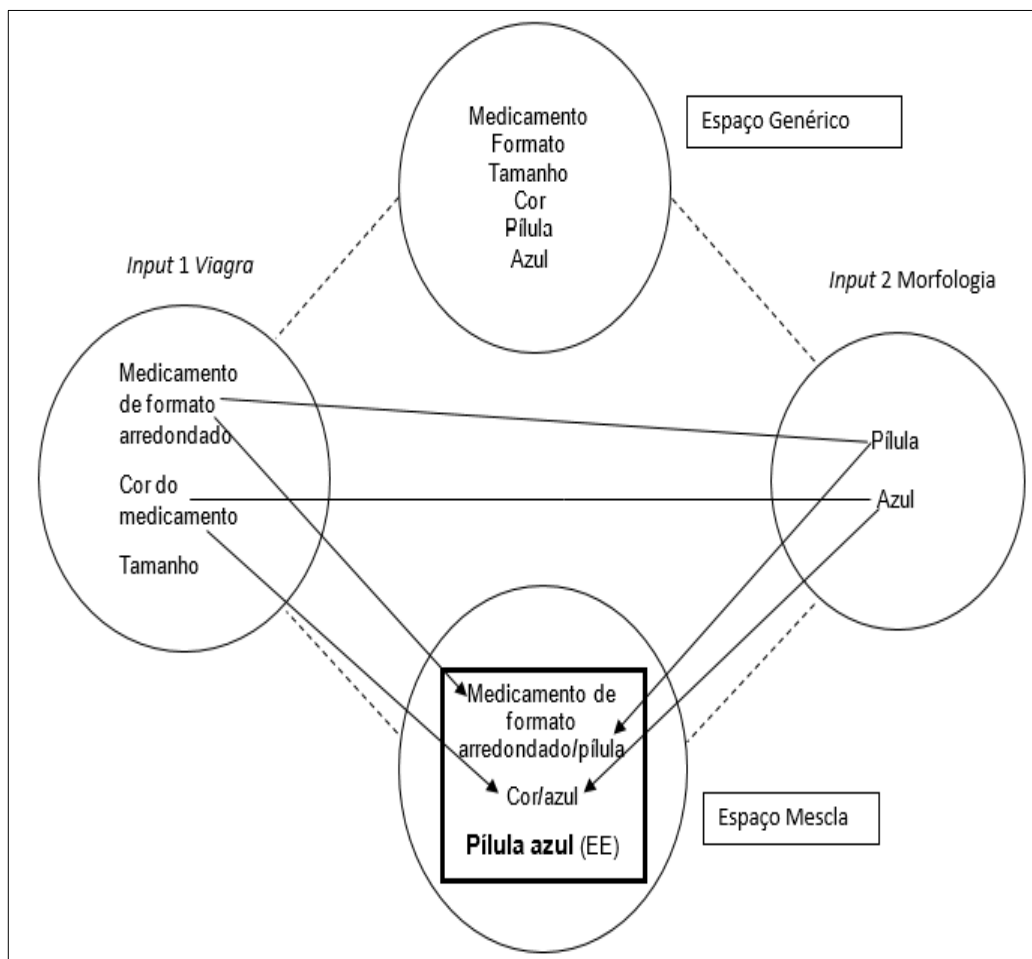
Para que o leitor inicie o processamento da expressão neológica “pílula azul”, deve ativar o *input* 1, *Viagra*, que permite o acesso às entidades “medicamento de formato arredondado”, “cor do medicamento” e “tamanho”; e o *input* 2, referente ao domínio morfológico, devido à construção composta “pílula azul”.

Por meio da relação vital de IDENTIDADE, ocorre uma projeção metafórica entre as entidades “medicamento de formato arredondado” (*input* 1) e “pílula” (*input* 2), assim como entre os conceitos “cor do medicamento” (*input* 1) e “azul” (*input* 2). Logo, nessa etapa do processamento, nota-se que o domínio morfológico, abstrato, é estruturado pelo domínio da percepção visual, concreto.

Para que o espaço mescla seja construído, as entidades dos *inputs* 1 e 2 permanecem disponíveis à memória no espaço genérico; portanto, este espaço abarca os conceitos “medicamento”, “formato”, “tamanho”, “cor”, “pílula” e “azul”. Na mescla, ocorrem compressões das relações de IDENTIDADE entre os *inputs* (“medicamento de formato arredondado/pílula” e “cor do medicamento/azul”) em PROPRIEDADE de “pílula azul”, que passa a significar “medicamento para impotência sexual masculina, *Viagra*”. Por conseguinte, a criação e compreensão da expressão neológica é possível devido a um processo analógico que relaciona a saliência perceptual do formato e da cor do remédio à forma e ao significado linguístico das palavras “pílula” e “azul”.

Toda a conceptualização da expressão ocorre por meio de uma *rede de escopo único*, já que o *frame* de *Viagra* é o único a estruturar a mescla, como podemos verificar na Figura 14.

Figura 14 – Conceptualização de “Pílula azul”



Ressaltamos o papel da metonímia na formação do novo significado, sobretudo quanto à ativação de entidades no input 1 e à projeção seletiva de entidades do *input* 1 para a mescla, pois compreendemos o todo, *Viagra*, a partir da saliência perceptual de duas partes, formato e cor. Assim, por meio do processo metonímico, mantemos ativados na memória esses dois conceitos e deixamos em segundo plano, numa relação de figura e fundo, outras propriedades do remédio, como tamanho, proeminente no neologismo semântico “azulzinho”, por exemplo. Dessa forma, a mescla é composta a partir da projeção seletiva das entidades ativadas metonimicamente.

De acordo com Kövecses (2002), mapeamentos metonímicos podem ser de dois tipos: *outward looking* (voltado para o exterior) e *inward-looking* (voltado para o interior). Mapeamentos metonímicos *voltados para o exterior* ativam uma entidade que está fora da *entidade-veículo*. Um exemplo é a frase "Eu comprei outro Machado de Assis", em que *Machado de Assis* (o nome do autor) ativa uma entidade: um *livro* escrito por ele. Uma vez que *Machado de Assis* é primariamente uma pessoa (assim como qualquer outro autor), a metonímia aponta, além do domínio primário PESSOA, um domínio secundário, LIVROS.

Já as metonímias introspectivas, segundo o mesmo autor, incluem a chamada *zona ativa*. Desse modo, em "Este livro é grande", observamos um fenômeno de *zona ativa*, pois o predicado "é grande" dirige a atenção (ou destaca) a um aspecto do livro caracterizável por meio de um domínio principal: TAMANHO FÍSICO.

Na estrutura emergente PÍLULA AZUL, portanto, observamos a atuação do processamento metonímico *introspectivo*, uma vez que as *entidades-veículo* "formato" e "cor" ativam a *entidade-alvo* "Viagra". Logo, metonimicamente, processamos FORMATO E COR PELO PRODUTO.

4.2.9 Azulzinho

No mesmo dia em que a expressão "pílula azul" foi utilizada pelo jornal *Meia Hora* para se referir ao medicamento *Viagra*, o jornal *Expresso* substituiu o termo por "azulzinho". Essa palavra "azulzinho" não foi considerada neologismo por derivação sufixal, porque "azul" não se refere ao medicamento. Citamos, em seguida, a frase em que essa palavra foi empregada.

- "Carioca abusa do azulzinho (*Expresso* 15/07/15, p. 18)."

É interessante notar que, enquanto em "pílula azul" o formato e a cor do remédio são elementos postos em proeminência, em "azulzinho", cor e tamanho tiveram maior saliência perceptual. Assim, o processamento deste neologismo semântico ocorre a partir da ativação dos mesmos *inputs* daquele, *input* 1, *Viagra*, e *input* 2, morfologia. O *input* 1 abarca as entidades "medicamento", "formato

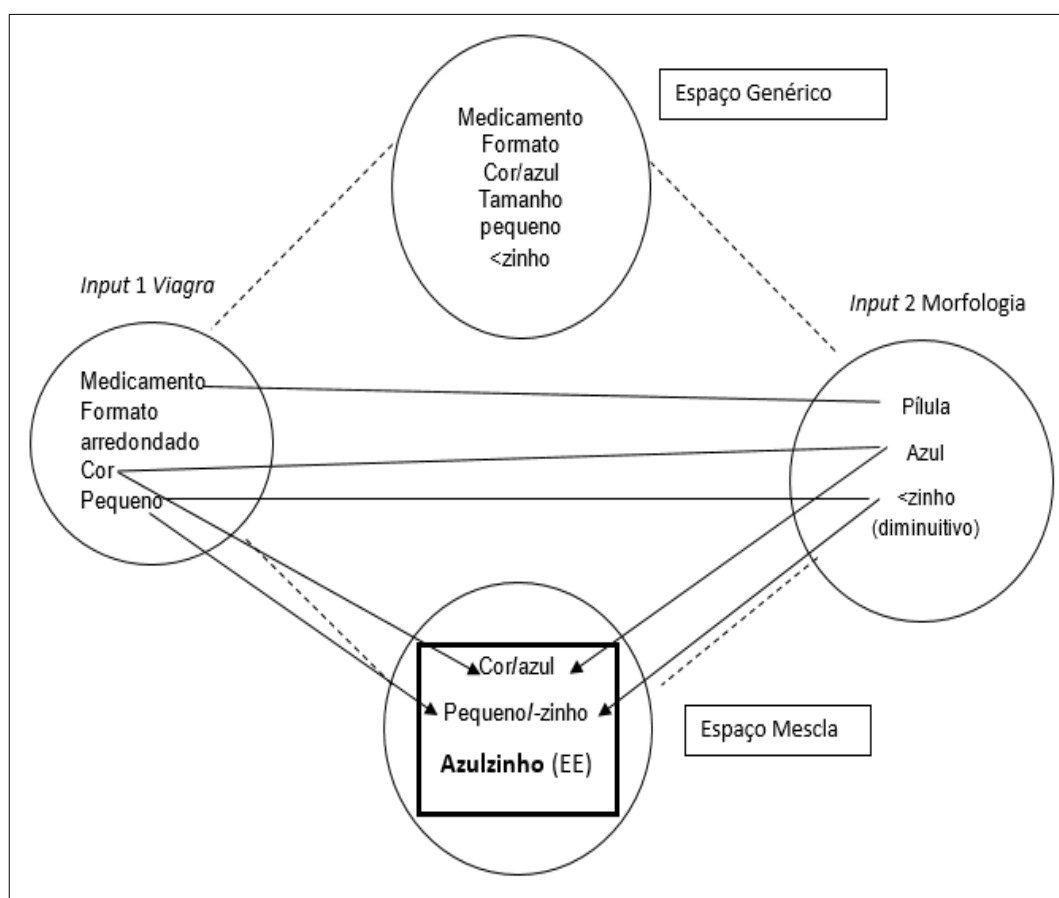
arredondado”, “cor” e “pequeno”; já o *input 2* engloba “pílula”, “azul” e “-zinho”, devido à construção sufixal “azul” + “-zinho”.

Durante o processamento, há projeções metafóricas entre os elementos “medicamento de formato arredondado” e “pílula”; “cor do medicamento” e “azul”; e “pequeno” e “-zinho”, por meio da relação vital de IDENTIDADE.

No espaço genérico, constam todos os elementos acessados pelos *inputs* para gerar a mescla, sendo eles: “medicamento”, “formato”, “cor”, “azul”, “tamanho”, “pequeno” e o sufixo “-zinho”.

Na mescla, apenas “cor” e “tamanho” são projetados, havendo fusão do conhecimento perceptual com a estrutura morfológica. Portanto, neste espaço, as relações de IDENTIDADE comprimem-se em PROPRIEDADE de “azulzinho”, que passa a significar *Viagra*, como podemos observar na Figura 15.

Figura 15 – Conceptualização de “Azulzinho”



Como já foi dito no início dessa subseção, as duas notícias são do mesmo dia, porém cada redator procurou uma maneira de relatar a matéria de forma

descontraída, ou seja, não colocando o nome do medicamento no título da notícia, ratificando que, para os homens, é um *tabu* falar de impotência sexual. Logo, os redatores usaram os neologismos semânticos “pílula azul” e “azulzinho” para que o acesso à entidade-alvo *Viagra*, bem como a compreensão das manchetes, ocorressem de forma inferencial, por meio de ativação e mescla das entidades-alvo “cor” e “formato”, no primeiro caso, e “cor” e “tamanho”, no segundo, considerando que é sabido por todos (ou pelo menos por quem faz uso) que a cor do medicamento para impotência sexual masculina (*Viagra*) é azul.

Portanto, assim como ocorre em “pílula azul”, podemos observar um processo inicialmente metonímico da conceptualização de *Viagra* como “azulzinho”, através da metonímia COR E TAMANHO PELO PRODUTO. Logo, notamos mais uma vez um mapeamento *introspectivo*, em que os *domínios-fonte* COR E TAMANHO ativam o *domínio-alvo* MEDICAMENTO PARA IMPOTÊNCIA SEXUAL, “VIAGRA”.

O processo metonímico ativado no *input* 1 é responsável pela projeção seletiva das entidades “cor” e “tamanho” para a mescla, em que as relações de IDENTIDADE entre os *inputs* comprimem-se em PROPRIEDADE da fusão “azulzinho”. Dessa forma, a estrutura AZULZINHO, significando *Viagra*, emerge a partir da operação conjunta dos processos de metonímia, metáfora (por meio da relação vital de IDENTIDADE) e mesclagem, que atuam em uma *rede de escopo único*, já que apenas o *frame* de *Viagra* estrutura a mescla.

É interessante destacar que os processos de construção dos dois neologismos (“pílula azul” e “azulzinho”) são iguais, o que os diferenciam é apenas a ativação metonímica de uma entidade (tamanho) em detrimento de outra (formato), causada pela atuação de ajuste focal (saliência perceptual).

4.2.10 Deitar

Observamos uma ocorrência da palavra “deita” com sentido de “matar” em uma notícia do jornal *Meia Hora*, no seguinte contexto frasal:

- “PM deita um e prende outro em Guadalupe” (*Meia Hora* 30/07/15, p. 5).

Em concordância com Lakoff e Johnson (2002), assumimos que o sistema conceptual humano é metafórico; logo, que as experiências corpóreas fornecem bases para a construção do pensamento abstrato, fundamentando o uso da expressão “deita um” no contexto acima, já que o conceito espacial de “posição física horizontal” estrutura o conceito de “morte”, um estado psicofísico e biológico.

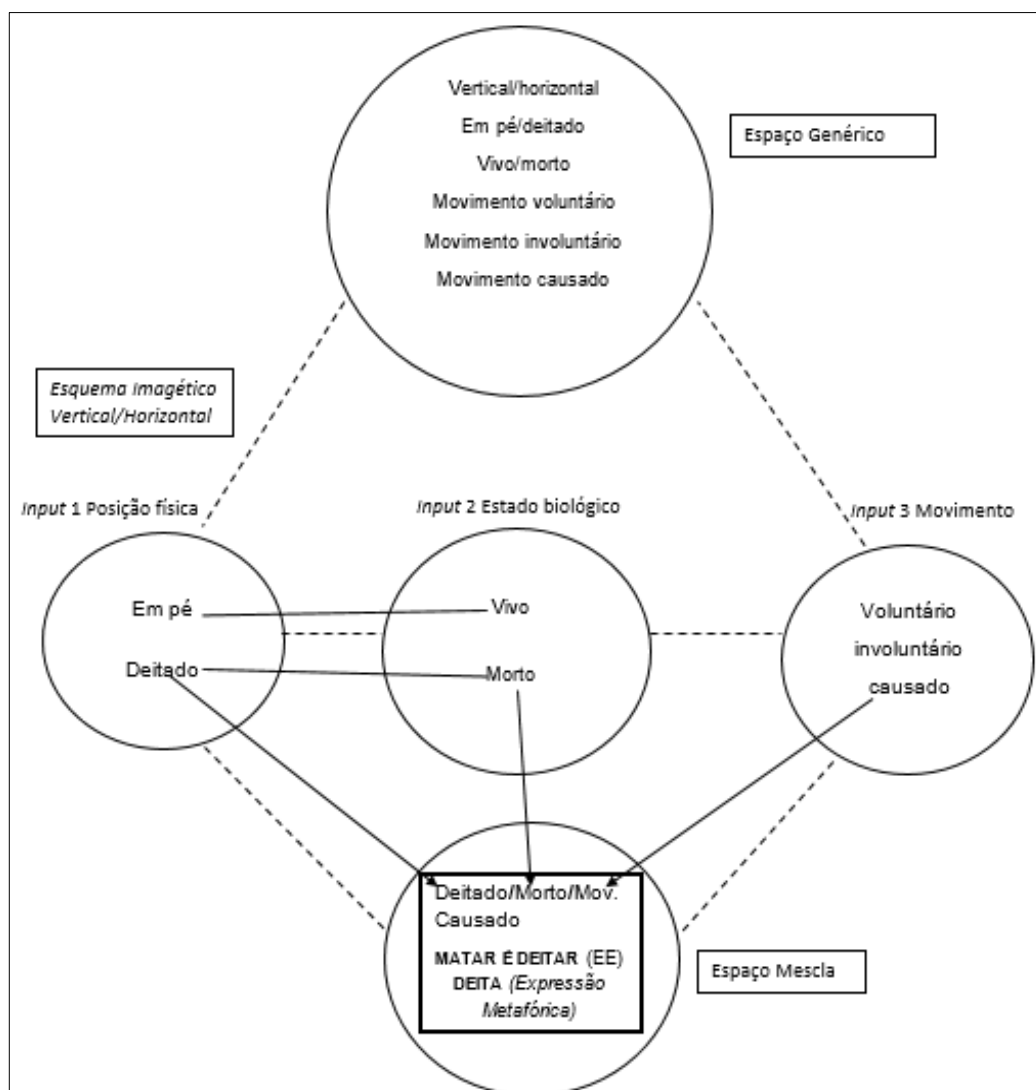
Experiencialmente, os seres humanos aprendem que “deitar” é estender o corpo em um espaço horizontal plano ou colocar-se na horizontal, em uma posição oposta a de “ficar em pé”, vertical, e que, normalmente, um corpo morto encontra-se deitado, devido ao efeito da gravidade, sob o qual os corpos tendem a cair. Assim, para processar o sentido de “deita” no contexto acima, o produtor do enunciado e os leitores precisam realizar projeções metafóricas entre o *input 1*, *posição física*, cuja base estável de conhecimento é o esquema imagético *vertical-horizontal*, e o *input 2*, *estado biológico*. Dessa forma, por meio da relação vital de CAUSA-EFEITO, relacionamos as entidades “em pé” e “deitado”, do *input 1*, correspondentes, respectivamente, aos esquemas “vertical” e “horizontal”, às entidades “vivo” e “morto” do *input 2*.

Tendo em vista que, na notícia, a construção de movimento causado *X causar Y* estrutura a assertiva “PM deita um”, produtor e leitor necessitam ainda acessar um terceiro *input*, *movimento*, em que se mantêm ativados os tipos de movimento “voluntário”, “involuntário” e “causado”.

No espaço genérico, o esquema imagético vertical/horizontal, e as entidades dos *inputs* “em pé”, “deitado”, “vivo”, “morto”, “movimento voluntário”, “movimento involuntário” e “movimento causado” permanecem disponíveis às operações da memória. Desse modo, a mescla forma-se pela possibilidade constante de acesso a esse espaço e aos espaços de entrada.

O espaço mescla, por projeção seletiva, herda as entidades “deitado”, “morto” e “movimento causado” dos *inputs*. Na mescla, a relação CAUSA-EFEITO dos *inputs 1* e 2 (MORRER-DEITAR) comprime-se no efeito DEITAR, que se funde ao conceito de “movimento causado” projetado do *input 3*, havendo nova compressão de “movimento causado” em “deitar”. Dessa forma, a metáfora MATAR É DEITAR surge como estrutura emergente da mescla, representada pela expressão metafórica DEITA, conforme a Figura 16.

Figura 16 – Conceptualização de MATAR É DEITAR



Verificamos, portanto, que o novo sentido é construído por meio de processamento metafórico e mesclagem conceptual estruturada por uma *rede de escopo duplo sem conflito*, uma vez que os *frames* dos *inputs* estruturam a mescla.

Finda a análise dos neologismos semânticos, passamos às conclusões deste estudo.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, investigamos os processos cognitivos subjacentes a extensões de sentido, encontradas em notícias e manchetes dos jornais *Meia Hora* e *Expresso*. Para tanto, formulações teóricas acerca dos processos de mesclagem, metáfora e metonímia conceptuais foram aplicadas à análise, visando a apontar regularidades no processamento dos novos sentidos. Assim, esperamos ter atingido nosso objetivo principal: contribuir para o avanço dos estudos sobre neologismos, não apenas por meio da identificação dos termos neológicos nos jornais supracitados, mas também através de uma proposta de análise semântico-cognitiva da conceptualização dos neologismos semânticos.

Constatamos que, além de processos metafóricos, processos metonímicos também são ativados na conceptualização de extensões de sentido, visto que possibilitam a ativação de uma entidade por meio de outra. Nesse caso, incluímos os empregos de “Carioca”, “Urubu”, “Cariocão”, “Brasileirão”, “podrão”, “rabioba”, “pílula azul” e “azulzinho”, corroborando os postulados de Kövecses (2002), para quem, na metonímia, a mudança de significado é uma condição possível, uma vez que a ligação entre as entidades é tal que uma entidade é mentalmente ativada pela outra.

Logo, a partir dessa análise, constatamos que, por meio da metáfora, da metonímia e da mesclagem conceptuais, conceptualizadores podem criar e compreender extensões de sentido. Ressaltamos o papel recorrente das relações vitais PARTE-TODO, PAPEL-VALOR, ANALOGIA e CAUSA-EFEITO nos espaços *inputs*, bem como suas compressões em IDENTIDADE, PROPRIEDADE e UNICIDADE no espaço mescla, na formação da estrutura emergente, cujo produto é o neologismo semântico.

Observamos também que, nos processos analisados, as conceptualizações foram descritas por meio de *redes de escopo duplo sem conflito* (“Carioca”, “Urubu”, “Brasileirão”, “podrão”, “rabiola” e “deita”) e de *redes de escopo único* (“rodar”, “Cariocão”, “pílula azul” e “azulzinho”), o que nos leva a constatar que, na conceptualização das extensões de sentido analisadas, essas redes foram mais produtivas. A postulação de redes de escopo duplo para redes com mais de dois

inputs deve-se ao papel dos espaços na seleção do conteúdo projetado na mescla, no que tange às informações semânticas em foco no novo sentido.

Sabemos que há muito a ser estudado no léxico, principalmente em se tratando de neologismos, visto que, a todo o momento, a língua se recria e se molda às necessidades dos usuários. Portanto, com essa descrição, esperamos ter contribuído também para mostrar a importância de se estudar a língua em uso. Nesse sentido, uma das reflexões alcançadas com este trabalho se refere ao papel dos dicionários populares como fonte de atribuição do caráter neológico para palavras com novas acepções, no caso dos neologismos semânticos, algo que não é considerado tradicionalmente.

Visto que foi possível propor representações em rede de integração conceptual do processamento cognitivo das extensões de sentido, consideramos que a pesquisa possa ainda auxiliar em reflexões posteriores acerca do conceito de neologismo semântico, pois, embora as ocorrências descritas não estivessem registradas em dicionários formais, como o dicionário Houaiss (2009), seus usos não são propriamente novos em interações cotidianas, o que é confirmado pelo registro de algumas acepções das palavras pesquisadas no Dicionário Informal *on-line*.

Em estudos futuros, almejamos analisar esses dados quantitativamente, submetendo-os a testes experimentais, a fim de investigar como essas conceptualizações são processadas pelos usuários da língua expostos ao contexto de uso dos neologismos. Acreditamos, com base na visão cognitiva, que novas acepções resultam da mesclagem de conhecimentos linguísticos e enciclopédicos ativados devido à forma como pensamos.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. *Neologismo – criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

_____. _____. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.

ANUNCIÇÃO, J. S. “*Quando eu não sou eu*”: Mesclagem Conceptual em Dêiticos de Primeira Pessoa. 2009. 108 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ-FL), Rio de Janeiro, 2009.

AZEVEDO, A. M. T. *Estrutura Narrativa & Espaços Mentais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. *Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares*. Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 6, número 2, dezembro de 2010. ISSN 1808-835X 1. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: 10 out. 2015.

_____. *Das relações entre texto, gramática e cognição: o foco na cognição*. Texto apresentado no Encontro InterGTs da ANPOLL. Campinas: UNICAMP, 2011.

BATTISTI, E. (Orgs.). *Língua e linguagem: perspectivas de investigação*. Porto Alegre: EDUCAT, 2011c. p. 293-327.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BERNARDO, S.; VELOZO, N. de A. *Mesclagem, metáfora e metonímia em cartum*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Palavra e imagem no 44, 2012. p. 101-122.

BIDERMAN, M. T. C. *Teoria linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.

_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A. M. P. P. de; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 13-22.

CARVALHO, N. M. de. *O que é neologismo*. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

_____. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

CARVALHO, N. M. de. *A criação neológica*. Revista Trama, v.2, n.4, p. 191-203, 2º semestre de 2006. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/viewPDFInterstitial/681/574>>. Acesso em: 28 de nov. 2015.

CORREIA, M.. Lexicografia no início do século XXI – novas perspectivas, novos recursos e suas consequências. In: JÚNIOR, M. A. (Coord.). *Lexicon: Dicionário de Grego – Português, Actas de Colóquio*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos/FLUL, 2008. p. 73-85.

_____; ALMEIDA, G. M. de B. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola, 2012.

COSERIU, E. *Sincronia, diacronia e história*. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Universidade de São Paulo, 1979.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. (Org.). *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EVANS, V.; GREEN, M. *Cognitive Linguistics: an Introduction*. Edinbrgh: Edinburgh University Press, 2006.

FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1985.

_____. *Mental spaces*. New York: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

_____; TURNER, M. *The Way We Think. Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. N. Y.: Basic Books, 2002.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

_____; FONTES, V. M. *Dêixes e mesclagem: a expressão pronomilizada "a gente" como categoria radial*. Revista Lingüística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 6, número 2, dezembro de 2010. ISSN 1808-835X 1. Disponível em: <<http://www.lettras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>>. Acesso em: 28 de nov. 2015.

FERRAZ, A. P. Os neologismos no desenvolvimento da competência lexical. In: HENRIQUES, C. C; SIMÕES, D. (orgs.). *Língua portuguesa, educação e mudança*. Rio de Janeiro: Europa, 2008. p. 146-162.

FILLMORE, Chales J. *Frames and the semantics of understanding*. Quaderni di semântica 62, 1985. p.222-254.

GEERAERTS, D. *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GRADY, J.; OAKLEY, T.; COULSON, S. Blending and metaphor. In: GIBBS, R. W.; STEEN, G. (eds.). *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p.101-124.

GONÇALVES, C. A. V. *Composição e derivação: polos prototípicos de um continuum?* Pequeno estudo de casos. Domínios da Lingu@agem, Uberlândia, 2011a. v. 5. n. 2. p. 63-94.

_____. Construções truncadas no português do Brasil: das abordagens tradicionais à análise por ranking de restrições. In: COLLISCHONN, G.; BATTISTI, E. (Orgs.). *Língua e linguagem: perspectivas de investigação*. Porto Alegre: EDUCAT, 2011c.

_____; ALMEIDA, M. L. L. Por uma ciber morfologia: abordagem morfossemântica dos xenocostituintes em português. In: MOLLICA, M. C.; GONZALEZ, M. (Org.) *Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis*. Curitiba: Appris, 2011. p. 105-127.

_____; ANDRADE, K. E. *O estatuto dos constituintes morfológicos e o continuum composição-derivação em português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011c.

_____. *Atuais Tendências em Formação de Palavras no Português Brasileiro*. Londrina: SIGNUM: Estud. Ling., n. 15/1, jun. 2012. p. 169-199.

GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

HENRIQUES, C. C. *Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KRIEGER, M. da G. O léxico no dicionário. In: SEABRA, M. C. T. C. de (Org.). *O léxico em estudo*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: a practical introduction*. 1. ed. New York: Oxford University Press, 2002.

_____. *Metaphor: a practical introduction*. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

_____; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G; TURNER, M. *More than cool reason: field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

_____. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ORTONY, A. *Metaphor and Thought*. 2. ed. Cambridge University Press, 1993.

_____.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coordenação de tradução: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

_____.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. London: The university of Chicago press, 2003. p. 35-41.

LANGACKER, R. W. *Grammar and conceptualization*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000.

_____. Introduction to Concept, Image and Symbol. In: GEERAERTS, D. (ed.). *Cognitive Linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

LEONEL, M. C. M. *Grande Sertão Veredas: Alguns neologismos semânticos*. Série Encontros: Estudos sobre lexicografia. São Paulo: Unesp, 1997. v. 41. p. 79-89.

MARCUSCHI, L. A. O Léxico: Lista, Rede ou Cognição Social? In: NEGRI, L; FOLTRAN, M. J; OLIVEIRA, R. P. de (orgs.). *Sentido e Significação. Em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004. p.263-284.

NUNES, J. H. *Dicionários do Brasil: Análises e História*. Campinas: Pontes, 2006.

PETTER, M. M. T. Morfologia. In.: *Introdução à linguística II*. Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2008.